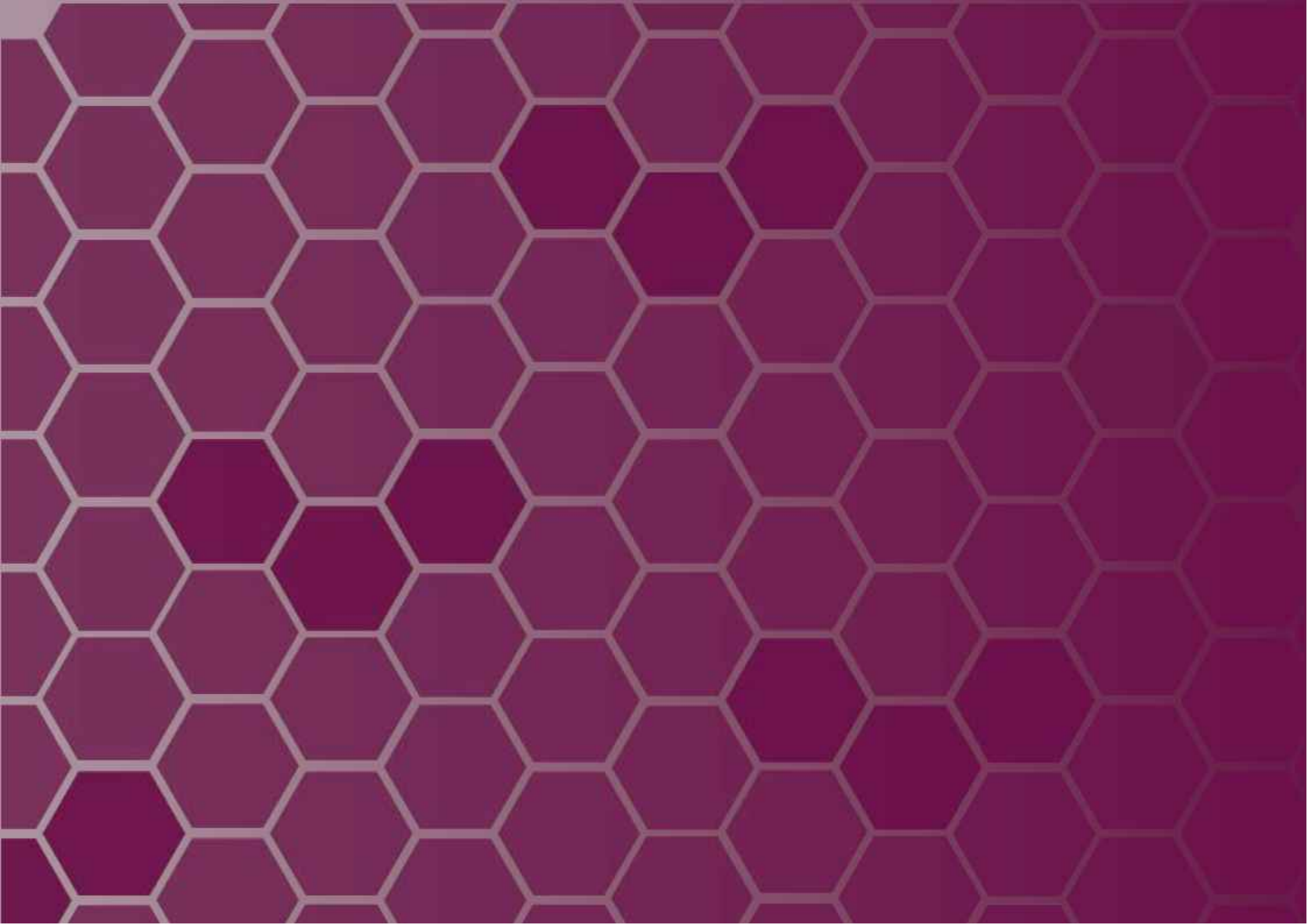




ANA CAROLINA DA SILVA COSTA

COMPLEXO PENITENCIÁRIO FEMININO

[o espaço arquitetônico como coadjuvante
na ressocialização de mulheres encarceradas]





UNIGRANRIO

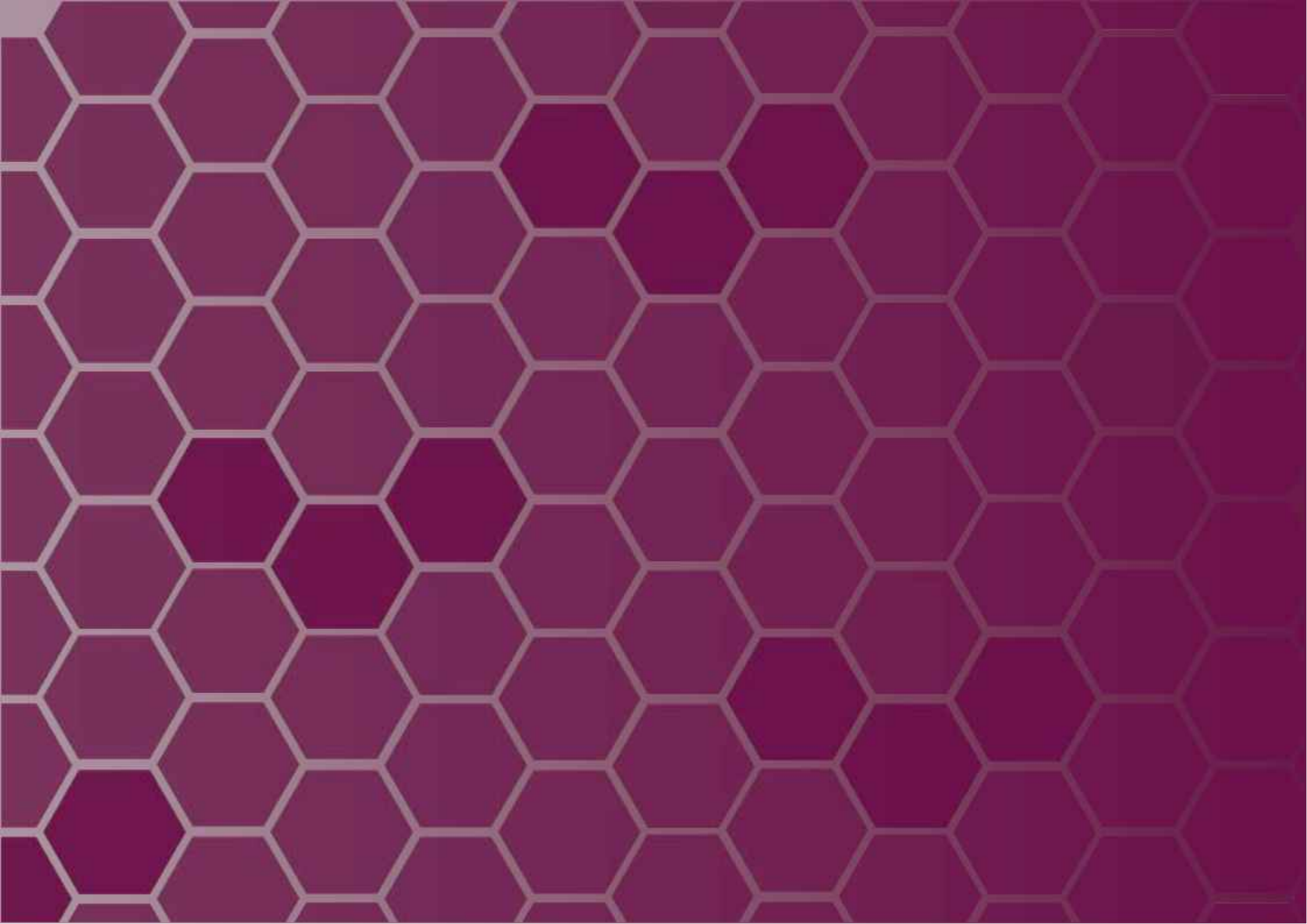
ANA CAROLINA DA SILVA COSTA

COMPLEXO PENITENCIÁRIO FEMININO

**o espaço arquitetônico como coadjuvante na
ressocialização de mulheres encarceradas**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de
Ciência e Tecnologia da Unigranrio como requisito
parcial à obtenção do grau Bacharel em Arquitetura e
Urbanismo sob a orientação da Prof^a. Rachel Maciel

DUQUE DE CAXIAS
2019



ORIENTADORA:

RACHEL MACIEL

CONVIDADA:

DIANA HELENE

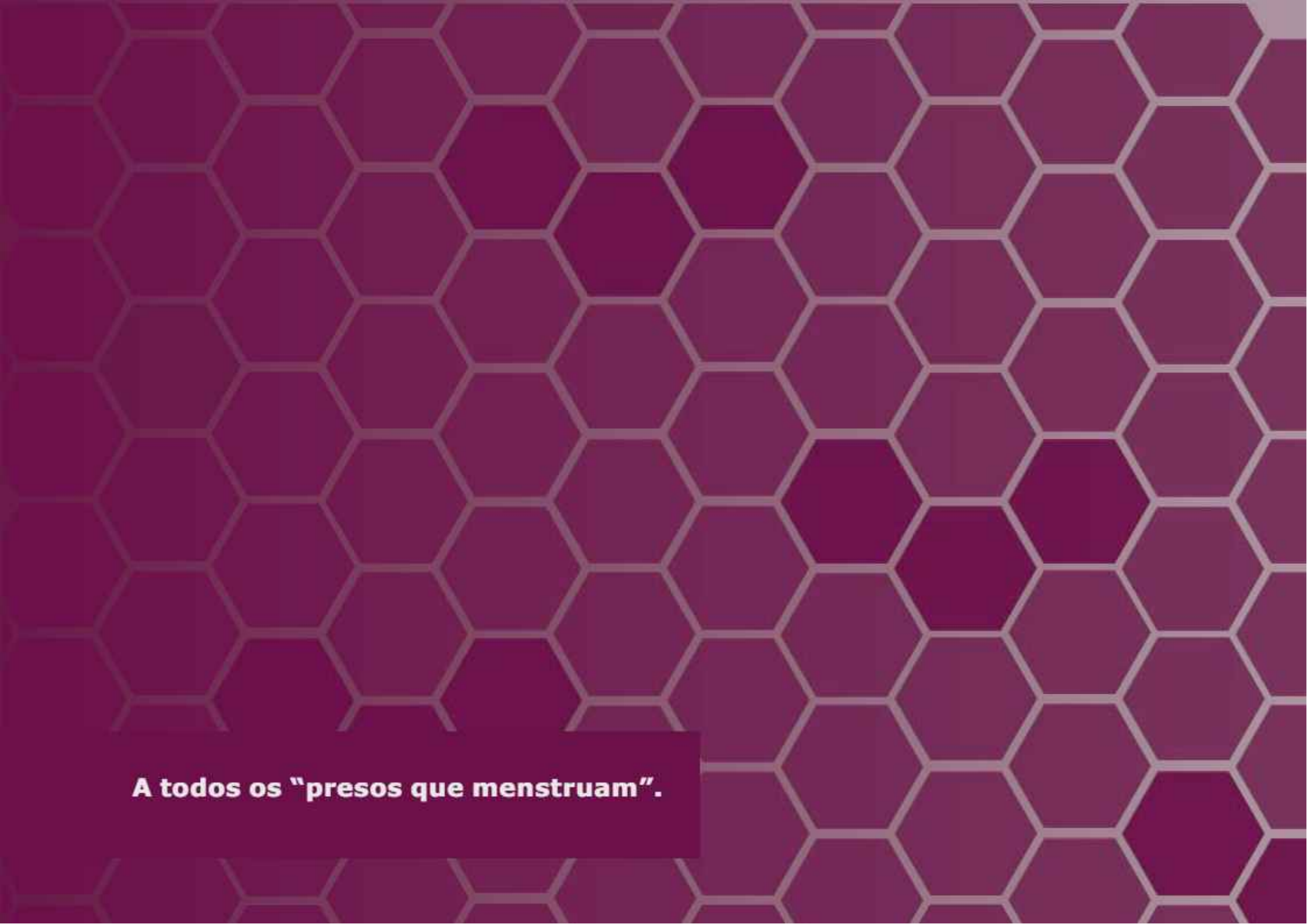
SUPERVISOR:

FILIPPE MARINO

DUQUE DE CAXIAS

___ / ___ / ___

HORÁRIO



A todos os “presos que menstruam”.

**"Para o Estado e a sociedade, parece que existem somente
440 mil homens e nenhuma mulher nas prisões do país.
Só que, uma vez por mês, aproximadamente 28 mil desses
presos menstruam."**

Heidi An Cerneka

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o projeto arquitetônico do Complexo Penitenciário Feminino para o município de Duque de Caxias.

Sendo este um estabelecimento penal de segurança média com capacidade de ressocializar até 800 mulheres. Mulheres estas que são em sua maioria negras, com idade variante entre 18 e 61 anos, com baixa escolaridade e expostas a todo tipo de vulnerabilidade social.

O projeto então objetiva a ressocialização dessas mulheres, através dos ambientes projetados para garantir dignidade, humanidade, capacitação, habitação, lazer e reflexão. Assim a arquitetura assumirá o seu papel de coadjuvante na reinserção das presas na sociedade.

AGRADECIMENTOS

"Somente a ti, ó Senhor Deus, a ti somente, e não a nós, seja dada a glória por causa do teu amor e da tua fidelidade. "

Salmos 115.1

Aos meus pais, tão diferentes, tão complementares que me amam de maneira inestimável e possuem diferentes modos de demonstrar, desejo para sempre honra-los e ser motivo de orgulho para vocês.

Aos meus cachorros por me acalentarem e darem "lambeijos" em momentos tão necessários.

As minhas tias e tios que sempre acreditaram em mim.

As minhas avôs e avós por me possibilitarem ser quem sou hoje.

Aos amigos que se foram ou permaneceram, que deixaram um pouco deles em mim.

A bea e lele, que foram meus braços, mãos, pés, cabeça, sorriso e coração.

A todos os professores com quem tive contato nesses anos de aprendizados.

A Diana, que mesmo de longe me transmite paz e confiança e amor.

A Rachel que foi a melhor orientadora do mundo e embarcou comigo no desconhecido, me fez forte quando necessário e me abraçou quando preciso.

Agradeço a vida!

Agradeço ao Criador da Vida!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
METODOLOGIA	13
O CÁRCERE FEMININO	16
ESTABELECIMENTOS PENAIS	18
O ESPAÇO PRISIONAL	22
AS MULHERES DO CÁRCERE	27
RESSOCIALIZAÇÃO	39
OBJETIVOS	41

REFERÊNCIAS	44
ÁREA DE INTERVENÇÃO	50
O PROCESSO	54
A PROPOSTA	58
setor intermediário	65
setor externo	82
setor interno	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . . .	110

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva como produto final um complexo penitenciário feminino, voltado para o cumprimento da pena de mulheres tipificadas no regime fechado.

Este será um estabelecimento penal voltado para a recuperação e ressocialização das detentas.

Em um breve histórico sobre o sistema penitenciário, até o final do século XVIII, as penas sofridas pelos criminosos (as) eram os suplícios, isto é, o exercício do poder marcado no corpo, uma prática punitiva estabelecida através de flagelos e do medo. Essas práticas permaneceram até a passagem do séc. XVIII para o XIX, quando tais foram “extintas” e a privação de liberdade é adotada como pena.

Rigor, severidade, possibilidade de repressão de práticas errôneas e a **reinserção** social foram as prerrogativas que fundamentaram as instituições penais. Assim, tais eram e são espaços destinados a cumprir sua finalidade punitiva e

ressocializadora, tendo por objetivo final a recuperação moral do criminoso através da humanização evitando assim reincidência criminal. Foucault diz que ao se criar ambientes penitenciários que tenham como principal finalidade atender o caráter punitivo e segregadores, acaba-se por criar espaços propícios a violência, rebeliões e diversas práticas criminosas, ao invés de possibilidade de recuperação e reintegração dos ocupantes.

O filósofo Manoel Barros da Motta Autor de “Crítica da razão punitiva: nascimento da prisão no Brasil”, concorda com Foucault e diz:

“Não há condições mínimas de sobrevivência. Há superlotação, gente sendo violada sexualmente, desrespeito ao direito à educação e ao trabalho. Muitas pessoas hoje acham que os presos têm direitos demais. Existe essa ideia, que vem do século XIX, de mais castigo, mais repressão. E vemos que isso não mudou, talvez esteja até mais forte. Há

uma oposição enorme ao governo ter despesas para se respeitar o que a prisão significa, ou seja, um espaço que retira o direito de ir e vir da pessoa e não um espaço para bater, castigar ou passar fome. Mas nunca houve mesmo muita disposição para se investir nisso." (Motta Crítica da razão punitiva: nascimento da prisão no Brasil, 1977)

Desarte que os estabelecimentos penais continuam sendo um tipo de instrumento usado pelo estado para punir pessoas, os modelos arquitetônicos prisionais continuam replicando diretrizes projetais de punitivas e impermeáveis, desconsiderando a prerrogativa de reinserção social.

Levando-se em conta os dados do INFOPEN 2016, onde diz que o crescimento de da população carcerária feminina aumentou em 455% e não se existe uma arquitetura prisional exclusiva para este grupo foi realizado o recorte de gênero. Para isso foi elaborado um conceito de colmeia no

pavilhão de habitação das presas, onde as celas estão implantadas em anexo aos blocos da penitenciária, e dispostas em grupos diversos que acabam por formar hexágonos que são utilizadas como moradia, creche e área de convivência, além de áreas livres verdes. A penitenciária também é composta por blocos que ofertaram todo tipo de apoio para a vivência das detentas no complexo, e também são aproveitados por visitantes e a comunidade do entorno imediato, estreitando assim os laços comunitários e extinguindo todos os pré-julgamentos sobre as presas.

METODOLOGIA

A estratégia escolhida para o projeto do Complexo Prisional foi adaptar diretrizes da arquitetura penal brasileira conforme o desejado no projeto. Assim as Diretrizes Básicas para arquitetura penal redigida em 2011 pelo Ministério da Justiça – Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária foi a principal fonte do projeto.

Esta publicação é a revisão das resoluções dos anos 1994 e 2005. O documento de 2011 aperfeiçoou a forma de dimensionamento usando o critério de proporcionalidade do uso e inseriu novos conceitos de acessibilidade, permeabilidade do solo e considerou recomendações dos ministérios da Saúde e da Educação, além de ouvir a manifestação da sociedade através de uma consulta pública.

Para se conhecer as clientes do projeto, foram utilizados livros que relatam a vida das detentas nos estabelecimentos penais, Presos que menstruam: A brutal vida das mulheres - Nana Queiroz , Cadeia: Relato Sobre Mulheres – Debora Diniz e RELATÓRIO

#MULHERESEMPRISAO - Instituto Terra, Trabalho e Cidadania – ITTC, com apoio do Fundo Brasil de Direitos Humanos e Oak Foundation) foram fundamentais para entender as necessidades e demandas que as mulheres requeriam.

Também foram consultados os TCC's da casa dos anos de 2017 e 2018 – ARQUITETURA PRISIONAL (RE)INTEGRAÇÃO SOCIAL A PARTIR DA REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO CARCERÁRIO — LUIZA DE FREITAS BRANQUINHO e Presídio Inclusivo Feminino - Um olhar arquitetônico para a (r)existência das mulheres no cárcere – Danielle Mozer Para a formulação das diretrizes projetuais, programa de necessidades e pesquisa teórica.

Todos os conceitos, diretrizes das bases consultadas, foram empregados conforme as escolhas da autora do projeto visando que o estabelecimento penal consiga abranger todas as necessidades e fragilidades apresentadas à sanando-as e assim auxilie na ressocialização das detentas na sociedade formal.

Para se definir a metodologia de pesquisa, entendimento do tema e concepção de projeto foram adotados divergentes processos metodológicos que foram distribuídos em 3 etapas distintas:

Etapa 1: Desenvolvimento teórico da proposta através de pesquisas: pesquisas sobre o tema, estudos de caso, referências teóricas e práticas sobre o tema, leitura de artigos, dissertações e livros, pesquisas bibliográficas, levantamentos de dados estatísticos (método qualitativo e quantitativo), pesquisas páginas eletrônicas e pesquisa exploratória e etnográfica.

Etapa 2: Pesquisa de campo: levantamento do terreno para a proposta.

Etapa 3: Desenvolvimento prático da proposta: referências projetuais, programa de necessidades, definição de conceito e partido, estudos de massas, estudos de fluxos, estudo de insolação, estudo de ruídos, estudo de odores, definição dos parâmetros urbanísticos, implantação, estudos volumétricos, planta baixa e cortes.

O CÁRCERE FEMININO

Atualmente no Brasil, existem 726.712 pessoas privadas de liberdade no Brasil, distribuídas entre carceragens de delegacias e no sistema prisional. Destas 726.712 pessoas, 44.949 são mulheres. Segundo o INFOPEN do mês de junho de 2016 a população prisional ultrapassou a marca de 700 mil pessoas privadas de liberdade, o que representa um aumento de 707% em relação ao registrado na década de 90.

O cárcere feminino vem passando por um constante crescimento, segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciária, em um período de 16 anos, entre 2000 e 2016, houve um aumento de 455% na população de mulheres presas, sendo assim por estimativa, são 40,6 mulheres encarceradas para um grupo de 100 mil mulheres em liberdade.

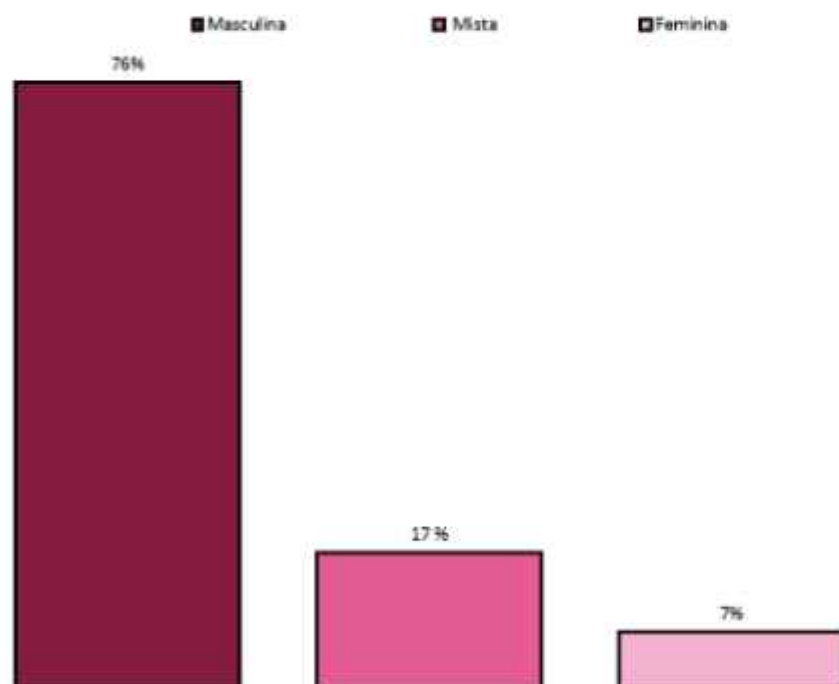
O gráfico abaixo mostra que 45% das mulheres presas no Brasil até junho de 2016 não havia sido julgada e condenadas, e em um comparativo entre os dados de junho de 2014 (30,01%) e junho de 2016 (45%) do INFOPEN é notável o aumento da porcentagem de encarceramento feminino 19,99%.



Foto relatório mulheresemprisão

ESTABELECIMENTOS PENAIIS

Apesar do encarceramento feminino ter sofrido uma crescente, os espaços penais ainda são projetados para o usuário masculino, sendo essas unidades 74% do total de 100%. As unidades femininas correspondem a apenas 7% e as mistas a 17%.



Fonte: Levantamento de Informações Penitenciárias - INFOPEN, junho/2016.

Nas unidades mistas, as mulheres são obrigadas a cumprir suas penas nos mesmos espaços que os homens, dividindo celas e alas e áreas comuns. Assim notasse que os projetistas não levam em conta as necessidades fisiológicas e psicológicas que divergem os gêneros. São comuns as denúncias sobre estupros, abusos e outras violências sofridas por parte das detentas pelos presos.

“– O que eles chamam de presídios mistos são, na verdade, presídios masculinamente mistos, se não tem onde colocar mulheres, as botam no castigo, ou seja, o pior lugar da cadeia. Até a estrutura dos prédios é feita para homens. Os banheiros, por exemplo, são os chamados “bois”, ou seja, buracos no chão. Imagine uma grávida se agachando num lugar destes? Num presídio com trezentos homens e dez mulheres, quem você acha que vai trabalhar e estudar? Quem vai ter horário de banho de sol? A minoria? Os espelhos são uma lâmina onde elas se veem completamente deformadas. Imagine passar

cinco ou seis anos se vendo assim e sem nunca observar seu corpo inteiro? Como você vai se imaginar?" (Nana Queiroz - Presos que menstruam, 2015, p.133)

O primeiro relato sobre uma penitenciária exclusivamente feminina brasileira foi em 1937 em Porto Alegre. A instituição Madre Pelletier era uma organização dirigida por freiras. Em sua origem, era uma casa destinada a criminosas, mas também a prostitutas, moradoras de rua e mulheres "desajustadas", lá acontecia um processo de domesticação, as presas aprendiam a bordar, cozinhar e se comportar e depois eram enviadas de volta a sociedade.



Penitenciária Talavera Bruce foi o segundo estabelecimento penal exclusivo para o gênero feminino, essa foi inaugurada em 9 de novembro de 1942, no antigo Distrito Federal, em Bangu.



Foto da Instituição Madre Pelletier – Porto Alegre Disponível em <https://paineira.usp.br/aun/index.php/2017/10/02/primeira-penitenciaria-feminina-do-brasil-era-administrada-pela-igreja-catolica/>

Lemos Brito enfatizava a necessidade de separar as mulheres dos homens, afirmava que assim se evitaria a influência delas no meio masculino. Assim, acreditava-se que a criação de presídios só para as mulheres, era a fim de se garantir paz e tranquilidade no meio masculino, ao invés de ofertar condições de vida digna para as detentas.

De acordo com os dados do INFOPEN, até junho de 2016, haviam 42.355 mulheres em situação de cárcere no Brasil, e 27.029 vagas em presídios nos presídios femininos. Assim a taxa de ocupação no sistema prisional brasileiro, em relação às mulheres, é de 156,7%, o que significa dizer que em um espaço que é destinado à 10 mulheres, se encontram 16.

A superlotação das penitenciárias, é um dos motivos das mortes que ocorrem na mesma. Segundo a Defensoria Pública do Rio de Janeiro nos primeiros meses do ano de 2018, foram registrados uma morte de preso a cada dois dias. A maioria das mortes ocorrem por decorrência de doenças infecciosas, más condições de higiene e falta de profissionais de

saúde nos presídios, esses dados são referentes aos 50.219 presos masculinos do Estado do Rio, mas podem se estender aos estabelecimentos penais femininos.

No ano de 2018 no mês de novembro no estado do Rio de Janeiro vieram a óbito três detentas na Penitenciária Talavera Bruce. O motivo das mortes segundo as famílias das falecidas seria o calor e a água. Os familiares denunciam que o calor e a falta de ventilação nas celas fazem muitas presas passarem mal. E não há um rotineiro abastecimento de água, e quando há, acontece a racionalização da mesma. Por diversas vezes as detentas bebem a água que tomam banho, outras nem isso pois a mesma vem contaminada de bichos.

Percebe-se então que o modelo arquitetônico prisional não passou por alterações desde 1942, e não respeitam os direitos fundamentais das detentas, conforme escrito na Cartilha da Mulher Presa, o espaço que garanta o auxílio na ressocialização das mulheres encarceradas não acontece.

O ESPAÇO PRISIONAL

O ambiente prisional é um local extremamente hostil e propenso à violência. Podem ser atribuídos a ele uma série de danos psicossociais, o indivíduo preso é colocado sobre condições extremas, pois vivem muitas vezes sob condições desumanas, colocados em celas insalubres onde convivem com a sujeira e ficam expostos a doenças; amontoam-se em celas superlotadas, perdendo seu direito à individualidade e privacidade.

A falta de uma arquitetura voltada especificamente para as prisões femininas, acaba por precarizar mais ainda a vida cotidiana das mulheres privadas de liberdade. Ambientes sem ventilação, adaptabilidade, privacidade, ventilação e ergonomia fazem parte da rotina de diversas detentas. Segundo dados do INFOPEN 2016, até a data de 30/06/2016 as unidades femininas que participaram do levantamento somavam 27.029 vagas disponibilizadas para mulheres, o que compõe uma taxa de ocupação de 156,7%¹³ e um déficit global de 15.326 vagas, somente entre mulheres.

No livro, *Presos que menstruam*, Nana Queiroz ao narrar sobre a rotina de Érica, uma das detentas da penitenciária Sant'Anna em São Paulo, a autora acaba por descrever como são alguns destes espaços.

"Um outro tanto acontece porque a biblioteca tem infiltrações por todos os lados. No topo da sala úmida, próximo ao teto, existem manchas de musgos esverdeados quase do tamanho de uma pessoa. E a situação não muda muito quando Érica desce as escadas e passa pelas oficinas de trabalho onde algumas garotas têm ocupações não tão boas quanto a dela." (Queiroz, *Presos que menstruam*, 2015, p. 169)

As celas comumente são espaços que possuem todos seus ambientes integrados, sendo o "banheiro" colado a "cozinha", o que acaba por gerar ambientes sem privacidade e salubridade. Além de acolherem mais pessoas por m² do que se foi inicialmente projetado, assim tem se por consequência, espaços deficientes de circulação e ventilação.

"Os dormitórios têm bolores quase tão grandes quanto os do ambiente de trabalho de Érica, o que não ajuda muito sua rinite. Os corredores centenários são escuros, úmidos e frios. Mas, na biblioteca, Érica e as outras continuam encontrando romances de finais felizes — e com palácios sem infiltração." (Queiroz, Presos que menstruam, 2015, p. 173)

As celas possuem poucas "camas", e todas as que vivem na cela precisam entrar em acordo para decidir quem dorme na cama ou no chão. Além de não possuírem vedações ou revestimentos internos corretos, além das instalações prediais que comumente não ocorrem. Em Mulheres sem prisão, a detenta Verônica que possui mais de 60 anos conta que pegou tuberculose na prisão.

"Peguei tuberculose na cadeia. Eu tomo banho frio, então eu já estou acostumada, mesmo que eu já tenho problema de pulmão, eu estou acostumada" (Mulheres sem prisão, 2017, p. 145)





É notório a necessidade de espaços voltados à saúde no carcere, dentro do ambiente prisional. Nas prisões brasileiras não há pavilhões de saúde, que ofereça tratamentos, consultas, medicamentos e etc. O que as detentas possuem para usufruírem atualmente são as enfermarias. Que funcionam como um "faz-tudo", servido de espaço para consultas pré-natal, terapia, e consultas em gerais.

Na questão das visitas as detentas são diversos pontos a serem abordados. Quanto a visita íntima, é a falta de privacidade o principal ponto da discussão, segundo o relatório Mulheres sem Prisão muitas das visitas íntimas acontecem majoritariamente dentro das celas, muitas vezes ocorrendo ao mesmo tempo de visitas íntimas de outras mulheres que moram na cela.

Quanto as visitas regulares, muitas vezes não há espaço para estas ocorrerem, como contam algumas detentas do Mulheres sem Prisão, mesmo quando se há espaço fora das celas como refeitório ou pátio, não é um espaço salubre, muitas denunciam a

presença de ratos e baratas. Estes espaços muitas vezes não possuem um mobiliário que de conforto às visitas, que algumas vezes viajam horas até conseguirem chegar à unidade prisional.

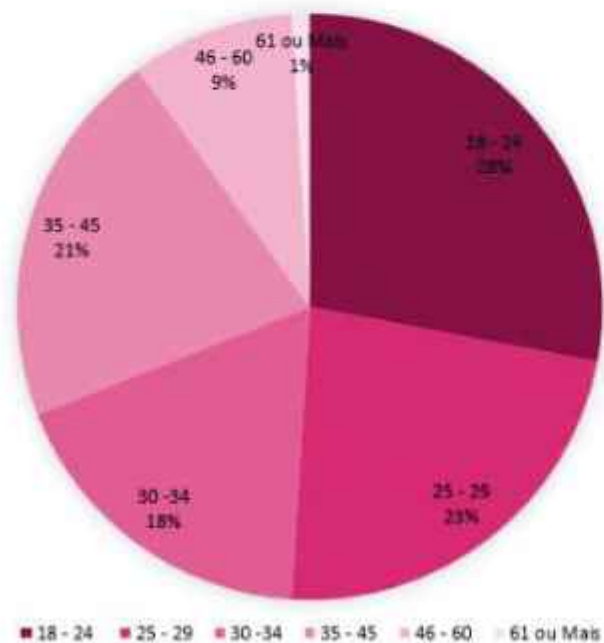
A distância da implantação das unidades prisionais é um dos principais motivos de abandono no cárcere. No livro *Presos que menstruam* Nana Queiroz narra o dia de Socorro, mãe de uma detenta da Colmeia - do Presídio Feminino do Distrito Federal-, na narrativa conta que embarcaram em um ônibus na rodoviária e desembarcaram do mesmo falta 1,5 quilômetro até o destino final, que teria que ser percorrida a pé, e na chuva.

"Quando um homem é preso, comumente sua família continua em casa, aguardando seu regresso. Quando uma mulher é presa, a história corriqueira é: ela perde o marido e a casa, os filhos são distribuídos entre familiares e abrigos. Enquanto o homem volta para um mundo que já o espera, ela sai e tem que reconstruir seu mundo"(Queiroz, *Presos que menstruam*, 2015p. 77)

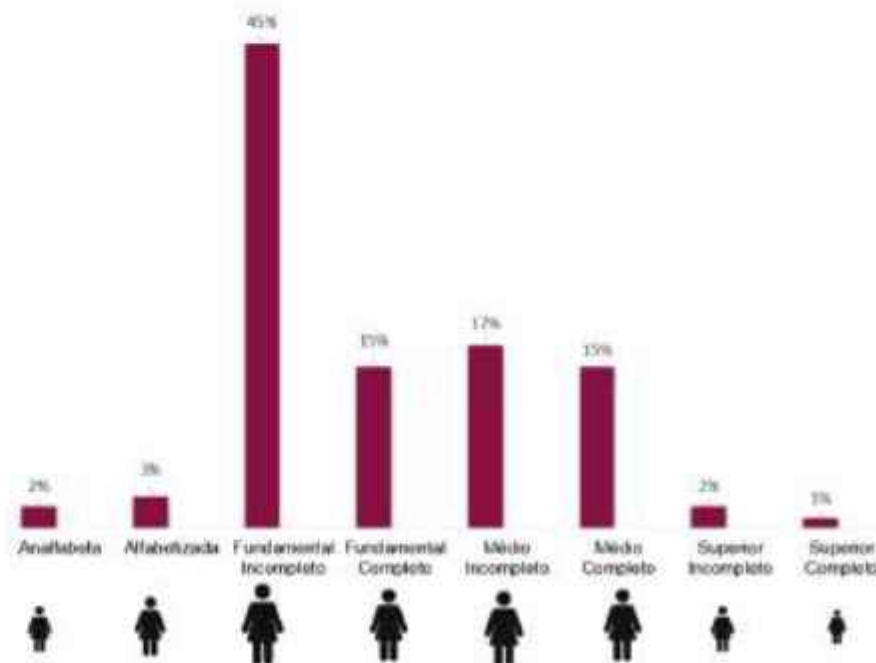


AS MULHERES DO CÁRCERE

As 42.355 mulheres que vivem atualmente no sistema prisional, possuem similaridades em seus perfis. São mulheres de baixa escolaridade e que vivem em vulnerabilidade social, além de serem mulheres invisíveis para a sociedade. O perfil mais conhecido deste sistema é o de Jovens na faixa de 18 – 29 anos, sendo esse segundo o INFOPEN 2016 em números 50%, e as mulheres de meia idade que somam 30%, e ambos os grupos encontram dificuldade na ressocialização com a sociedade.



Quando se trata da escolaridade das presas, de acordo o INFOPEN 2016, no Brasil, a maioria das mulheres presentes no sistema prisional possuem apenas o ensino fundamental incompleto, as outras partes se dividem em fundamental completo, analfabetas, alfabetizadas sem curso regular, ensino médio incompleto e completo e ensino superior incompleto e completo.



Fonte: Levantamento de Informações Penitenciárias – INFOPEN, junho/2016.

A vida anterior ao cárcere dessas mulheres é o principal fator para a tão baixa escolaridade. A maioria das detentas tem em seu passado relação com a vulnerabilidade social e problemas domésticos, que foram determinantes para o abandono dos estudos.

Muitas das mulheres que vivem o cárcere possuem uma relação com vulnerabilidades sociais e fragilidades socioeconômicas. Devido à baixa escolaridade, essas mulheres realizam trabalhos informais, perigosos e com baixa remuneração.

Muitas destas são as chefes de família, ou seja, responsáveis pelo sustento de toda sua família, que são as vezes de formação apenas de mães e filhos, mais de outras, marido, mãe, pais, filhos e tantos outros familiares. A falta de dinheiro é uma das principais motivações para a inserção dessas moças no mundo do crime.

"[...]Dali saiu uma mulher que ela nunca tinha visto. Destemida, ameaçadora. E a pior parte: alguém que achou muito normal ameaçar a vida

de outra pessoa com uma arma. Quando abriu o porta-malas do carro, Safira desatou a rir de alegria. Sorte ou azar, havia uma mala com 1.600 dólares, assim, em moeda gringa mesmo. E ela, que não tinha nem dez centavos para comprar um pãozinho, foi ao supermercado usufruir da fartura[...]" (Queiroz, Presos que menstruam, p.58)

"[...] E pronto, foi. Fácil assim. Tinha uma vida digna e não queria mais ganhar 300 reais ao mês. Fez as contas: 120 era o aluguel, fora água e luz, e sobrava uma mixaria pra comida. Nem considerava mais essa possibilidade. Queria ver os meninos gorduchos, sujos de chocolate e com roupinhas coloridas correndo pela casa." (Queiroz, Presos que menstruam, p.58)

"[...]Não aceitava ter que começar do zero, se matar de trabalhar em troca de mixaria. Era cozinheira de profissão, capacitada para fazer pizzas e tudo. Mas insistiam em oferecer a ela servicinho de faxineira para ganhar, na época,

12 reais por dia. Doze reais! Para sustentar ela, a filha e chegar ao trabalho. Na ponta do lápis, não pagava nem a gasolina do carro. Resolveu que se São Paulo não a tratava bem, ela ia devolver na mesma moeda[...]" (Queiroz, Presos que menstruam, p.48)

Não a dados sobre, mas é sabido através de pesquisas com entrevistas que muitas das mulheres que vivem privadas de liberdade, sofreram com algum tipo violência doméstica. E grande parte destas, foram determinantes para que ocorressem mudança de vida por parte das detentas.

"Aí com 10, 11 anos eu fiquei... tentaram me estuprar. [Foi] o padrinho da minha irmã. [...] E eu com medo de contar pra minha mãe e minha mãe me bater, né [...] ela me bateu como se eu fosse culpada [...] foi onde que minha vida mudou, onde eu comecei a desandar. Comecei a usar droga, comecei a cheirar, comecei a fumar maconha, fumar cigarro, só bebida alcóolica...

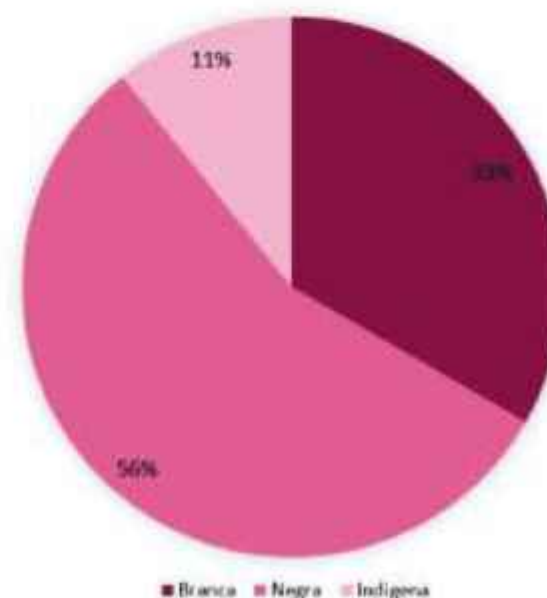


[...] com 17 anos eu fui pra FEBEM, fiquei um ano e três meses na FEBEM, longe do meu filho. Meu marido foi preso. Foi preso no tráfico.” (Mulheres sem prisão, 2017, p. 52)

Segundo o INFOPEN 2018, mais que a metade da população feminina é negra, isso significa que por estimativa existem 25.581 são mulheres negras no sistema carcerário, e 15.051 mulheres brancas.

Fonte: Levantamento de Informações Penitenciárias - INFOPEN, junho/2016.

“Podemos afirmar que, entre a população maior de 18 anos, existem aproximadamente 40 mulheres brancas privadas de liberdade para cada grupo de 100 mil mulheres brancas, e existem 62 mulheres negras na mesma situação para cada grupo de 100 mil mulheres negras, o que expressa a disparidade entre os padrões de encarceramento de mulheres negras e brancas no Brasil.” (INFOPEN 2018)



Rio de Janeiro afirmam que a melhor opção para seus filhos é permanecerem com elas no presídio.

Ao se tratar deste grupo, o problema das celas e dos outros ambientes das unidades prisionais tem proporções ainda maiores, já que a estrutura precária torna a vida diária destas mulheres mais difícil e desconfortável. Além da restrição do direito da liberdade, o confinamento em espaços pequenos, sem ventilação, insolação contribuem para tornar-se uma gravidez normal em uma gravidez de risco.

Fonte: Levantamento de Informações Penitenciárias - INFOPEN, junho/2016.

UF	N	%
AC	1	33%
AL	1	33%
AM	2	18%
AP	1	100%
BA	2	14%
CE	1	3%
DF	1	100%
ES	4	57%
GO	5	10%
MA	1	17%
MG	3	3%
MS	4	33%
MT	1	11%
PA	2	25%
PB	3	60%
PE	3	50%
PI	0	0%
PR	1	14%
RJ	2	25%
RN	0	0%
RO	3	18%
RR	0	0%
RS	1	6%
SC	6	43%
SE	1	50%
SP	7	32%
TO	0	0%

Não há dados oficiais a respeito de quantas gestantes ou mães de crianças pequenas compõem o sistema penitenciário feminino brasileiro, mas há a estimativa de um terço. E essas mulheres vivem a mesma realidade das outras detentas mesmo em um momento tão delicado. Assim, estar grávida dentro da prisão é estar sujeita a uma gravidez de risco, seja em decorrência da estrutura prisional ou a precariedade do atendimento médico.

Apenas em 2018 foi aceito pelo STF um habeas corpus coletivo que permita essas mulheres e filhos a cumprirem pena em domicílio. Embora tal mandato, ainda é conhecido a vivência de mães e filhos no cárcere.

"A maioria das detentas grávidas já chega grávida na cadeia. Algumas, já no fim da gestação, nunca passaram por um obstetra pois eram pobres e desinformadas demais." (Queiroz, Presos que menstruam, p.74)

"Felizmente para as grávidas, existe um código de caridade que faz com que as presas cedam

seus lugares para que elas durmam com mais conforto. Também é comum que não recebam tratamento pré-natal. A maioria das detentas grávidas já chega grávida na cadeia." (Queiroz, Presos que menstruam, p.74)

Pesquisadores estimam que por volta de 85% das mulheres encarceradas sejam mães. Assim, na maioria das vezes quando detidas, seus filhos são distribuídos entre parentas e instituições. E algumas detentas conseguem exercer a maternidade na prisão.

É sabido que viver os primeiros meses de vida numa prisão certamente não é o ideal, mas é menos maléfico do que ser separado da mãe ao nascer. Apenas em 2009 que o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei 11.942, que assegurava às presidiárias o direito de um período de amamentação de no mínimo seis meses e cuidados médicos aos bebês e a elas.

As mulheres que participaram das entrevistas para o relatório Mulheres e crianças encarceradas: um estudo jurídico-social sobre a experiência da maternidade no sistema prisional do

A Tabela anterior apresenta o total de unidades femininas ou mistas que contem com cela ou dormitório adequado para custodiar gestantes. Apenas 55 unidades em todo o país declararam apresentar cela ou dormitório para gestantes. Dando destaque ao estado do Rio de Janeiro, que possui apenas uma cela ou dormitório.

UF	N	%	Capacidade
AC	1	33%	2
AL	1	33%	8
AM	2	18%	10
AP	1	100%	0
BA	2	29%	4
CE	1	3%	15
DF	1	100%	11
ES	5	71%	28
GO	3	6%	10
MA	1	17%	15
MG	1	1%	2
MS	2	17%	25
MT	1	11%	5
PA	2	25%	17
PB	2	40%	11
PE	2	33%	15
PI	0	0%	0
PR	2	29%	23
RJ	1	13%	20
RN	0	0%	0
RO	1	6%	14
RR	0	0%	0
RS	2	13%	31
SC	4	29%	11
SE	1	50%	6
SP	10	45%	183
TO	0	0%	0

Fonte: Levantamento de Informações Penitenciárias - INFOPEN, junho/2016.

De acordo com a tabela acima, de todas unidades prisionais femininas brasileiras, existem apenas 49 UMI (Unidade Materno Infantil). No estado do Rio de Janeiro há apenas um na Penitenciária Talavera Bruce, esta está apta a atender 20 bebês.

Na data de 28 de maio de 2009, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei 11.942, que assegurava às presidiárias o direito de um período de amamentação de no mínimo seis meses. Esta lei, no entanto, não foi acompanhada de meios para seu cumprimento. Existindo apenas segundo o INFOPEN 2016 cerca de 9 unidades de creches e 49 UMI, como citado anteriormente.

No livro Presos que menstruam, Gardênia – uma das mulheres privadas de liberdade entrevistadas – conta que no ano de 2009 a UMI de onde ela cumpria pena, estava lotada ao ponto de mães e seus filhos terem que se acomodar no chão. Conta ainda que mães recém paridas dormiam no chão acompanhada de bebê recém-nascido.

É indiscutível que as unidades prisionais não é um lugar onde uma criança deva viver ou crescer, mas a falta da mãe ao filho e o filho a mãe, torna a vida destes ainda pior.

De acordo relatório Mulheres e crianças encarceradas: um estudo jurídicosocial sobre a experiência da maternidade no sistema prisional do Rio de Janeiro a maioria das mulheres participantes da pesquisa acredita que a melhor opção para seus filhos e permanecerem com elas, na prisão.

Segundo a psicóloga Cristina Magadan, nos primeiros meses de vida, a relação do bebê com a mãe é simbiótica. E durante todo o primeiro ano de vida, continua indispensável, e embora eles percam muito conhecimento do mundo livre, a convivência com a mãe ajuda a estes a serem relativamente calmos e saudáveis.

Muitas das presas mães expõem que, o convívio com seus filhos diariamente à ajudam a enfrentar a realidade do cárcere. Visto que durante 6 meses estas ficam absortas no ser mãe.

O espaço prisional para mulheres portadoras de necessidade especiais, talvez possa ser mais problemático do que os das citadas anteriormente, embora seja segundo o INFOPEN apenas 220 mulheres portadoras de necessidades privadas de liberdade no Brasil, existem apenas 23% das unidades penitenciárias que possuem adaptabilidade total. Não se há dados sobre onde essas unidades estão implantadas, mas é perceptível através de relatos e dados do INFOPEN que das unidades prisionais já consolidadas a maioria não atende as necessidades fisiológicas deste grupo de mulheres.

"Não existem muitas deficientes físicas em Sant'Anna, mas as poucas que moram ali não contam com instalações adaptadas" (Queiroz, Presos que menstruam, 2015, p. 172)

No relatório Mulheres sem prisão, Railda, uma das detentas narra sobre as estruturas prisionais,

e como são barreiras para as PNE. Ela conta que na cela onde ela morava vivam 24 mulheres - o que evidencia mais uma vez a lotação das celas nas penitenciárias - e como era uma cela no térreo, estava em constante contato com ratos e baratas e outros bichos, além de ter que tomar banho no chão, e se arrastar sobre o mesmo para sua locomoção.

Problemas de saúde são bem comuns nas unidades prisionais, dado as condições de vida das presas. Conforme estabelecido pela Lei de Execução Penal, as mulheres privadas de liberdade devem ter acesso à saúde integral garantido pelo Estado, na forma de atendimento médico, farmacêutico e odontológico. Entretanto não é a verdade do cárcere.

Muitas das mulheres privadas de liberdade não recebem tratamento médico. No caso das grávidas é sempre denunciado que não acontece o pré-natal nas unidades prisionais, em Mulheres e crianças encarceradas: um estudo jurídico-social sobre a experiência da maternidade no sistema prisional do Rio de Janeiro 53,7% das mulheres entrevistadas para o

relatório afirmaram que não recebem atendimento ginecológico, questão para se pensar, se mulheres grávidas não recebem acompanhamento médico, quem dirá as que não estão. Assim as questões de saúde específicas femininas ou gerais não recebem a atenção médica adequada.

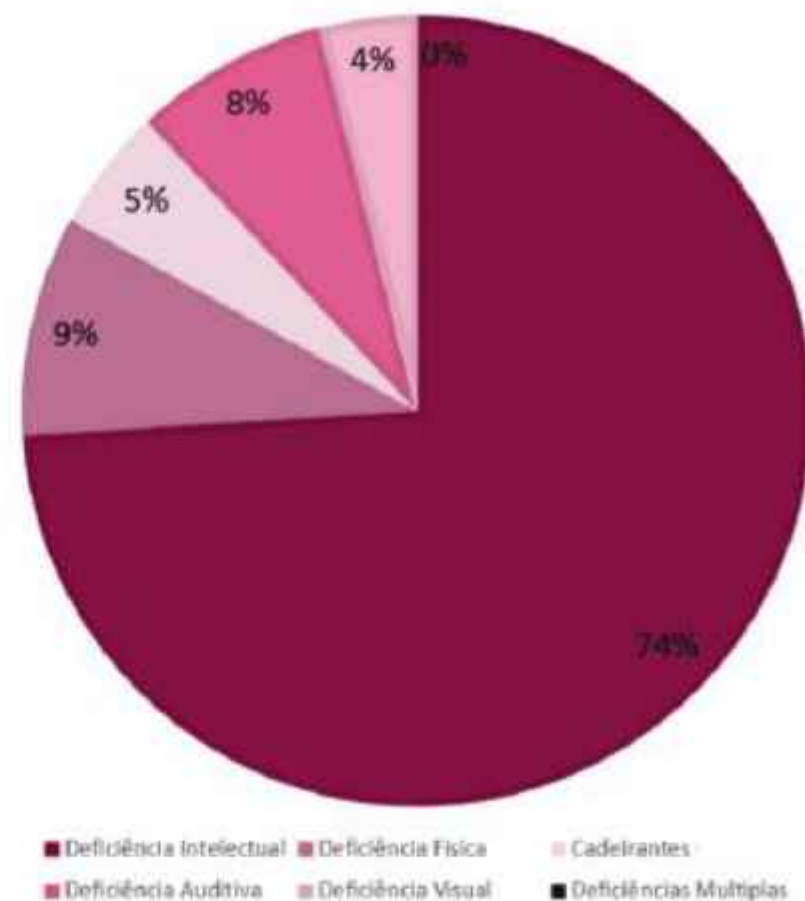
Segundo Mulheres sem prisão, as mulheres entrevistadas narram que antes do cárcere possuíam uma vida saudável, sem grandes problemas de saúde, Gabriela, uma das detentas, conta que após o cárcere passou a ter alergia, queda de cabelo e doenças respiratórias, problemas que não existiam quando morava na rua. Outras ainda afirmam que tinham um bom acesso aos serviços de saúde quanto em liberdade.

"Para pequenos problemas de saúde, no térreo, logo na entrada de cada pavilhão, existe uma pequena enfermaria cuidada por detentas que têm curso de enfermagem." (Queiroz, Presos que menstruam, 2015, p. 172)



É notório a necessidade de ambientes que contemplem a vivência de bebês e crianças na prisão. Espaços que possam contemplar uma vivência no mundo exterior, que essas pequenas pessoas possam estar em contato com outras pessoas, mas sem serem arrancadas dos braços de suas mães.

As mulheres que possuem deficiência física e mental e fazem parte do sistema prisional não são alvo de estudos acadêmicos, pesquisas e afins, em suma, é o perfil mais invisível do cárcere. Segundo o INFOPEN de 2016, na Federação Brasileira existem 220 mulheres com deficiência privada de liberdade.



Fonte: Levantamento de Informações Penitenciárias - INFOPEN, junho/2016.



RESSOCIALIZAÇÃO

O atual sistema penitenciário não consegue êxito nesta importante parte da pena das presas. As ex-detentas carregam consigo o estigma de vivência no cárcere, para essas mulheres se inserirem novamente no mercado de trabalho formal, e as vezes até o informal.

A falta de estudo e capacitação das detentas é um agravante na situação destas mulheres. Como essas mulheres iram se inserir no mercado de trabalho com baixa formação?

O trabalho na prisão tem como função além de poder oferecer as detentas uma forma de conseguirem renda própria, assim sem depender de suas famílias, a possibilidade de as mesmas ocuparem suas cabeças. Segundo a Lei de Execução Penal, o empregador deve prover um ambiente seguro e limpo e um trabalho que sirva à sua ressocialização. Na verdade, seu salário só precisa ser superior ou igual a três quartos do salário mínimo — o que as torna mão de obra especialmente

interessante para atividades repetitivas e manuais que quase ninguém quer. Mesmo assim, as companhias resistem em empregá-las. Só 3%, mais ou menos, têm a possibilidade do trabalho.

As prisões femininas atuais em suma não oferecem possibilidade de trabalho e estudo, o que torna o local apenas uma instalação que priva mulheres de liberdade e muitas vezes depois as libertam para a volta ao mundo do crime. Em Mulheres sem prisão, Gabriela diz que a prisão parece mais um “depósito de seres humanos”.

“A gente podia estar fazendo alguma coisa, mas não faz nada. Falam que é ressocialização, mas estou sendo ressocializada de quê? Já fiquei aqui, já paguei pelo meu erro, 20 já pensei. Podia estar fazendo alguma coisa, trabalhando, estudando. Ainda tem que sair e pagar uma multa. Como eu vou pagar uma multa?” (Mulheres sem prisão, 2017, p. 160)

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Projetar um modelo piloto de penitenciária feminina, em um terreno localizado no primeiro distrito do município de Duque de Caxias. Tendo em vista que a arquitetura pode auxiliar na recuperação e ressocialização das detentas, e um dos grandes entraves na recuperação social das presas está na precariedade das instalações a qual as mesmas estão submetidas rotineiramente, estando essas mulheres sujeitas as condições de vidas indignas, insalubres e desumanas. O projeto prevê espaços que permitam que as mulheres cumpram suas penas de maneira digna e que após o tempo de cárcere possam se reinserir efetivamente na sociedade sem correrem o risco de reingresso no cárcere.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Compreender as necessidades fisiológicas e mentais de cada grupo de detentas com o objetivo de definir as diretrizes projetuais do projeto;
- II. Implantar a unidade prisional em uma área urbana de fácil acesso e que possibilite o convívio das presas com os moradores da área;
- III. Projetar ambientes que recebam a ventilação e insolação correta;
- IV. Projetar espaços que atendam as detentas e a população local quanto as questões de saúde, sejam esta física ou mental;

V. Projetar espaços voltados para capacitação das detentas, sendo estes desde sala de aulas a oficinas de trabalho;

VI. Projetar espaços com arborização e cores;

VII. Projetar espaços destinados a realização de atividades de lazer;

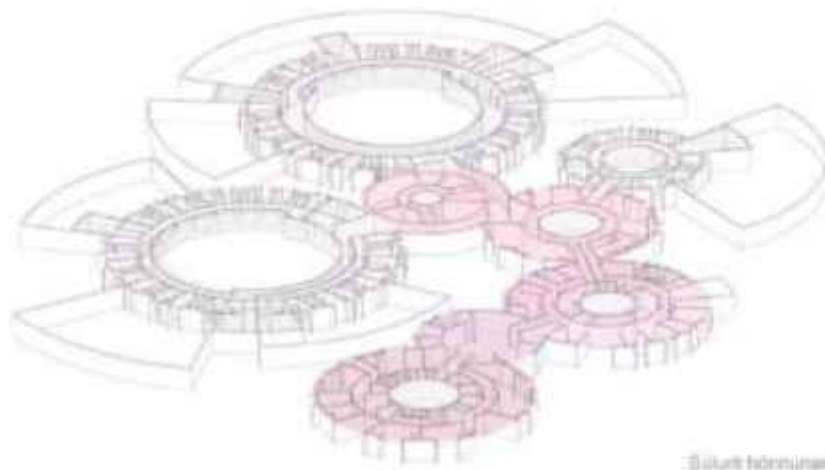
VIII. Projetar uma área voltada a atendimento básico de saúde. Este ambiente também poderá ser utilizado pelos moradores onde o projeto for instalado.



REFERÊNCIAS

Prisão Feminina - Islândia / OOIIO Architecture

O escritório deu início a este projeto perguntando as pessoas que vivem e trabalham em prisões como se sentiam, e a conclusão que tiveram foi que: "a pior coisa de se viver em uma unidade correcional é a sensação que você está em uma", assim o resultado final deste projeto não é um modelo comum de prisão.



A estrutura é baseada na luz natural, espaços abertos e vegetação, abrindo mão dos espaços escuros, celas pequenas e paredes na cor cinza típica das unidades penitenciárias.

O programa é complexo e se assemelha a uma pequena aldeia, tendo um hospital, escolas, igreja e teatro, e todos trabalhando ao mesmo tempo. Ao invés de apenas um bloco, o projeto se divide em vários pavilhões em pequena escala, tornando-se assim mais humano. A estrutura prisional abriga três tipos diferentes de habitantes: prisioneiras, trabalhadores e visitantes, cada usuário tendo uma circulação específica e área onde eles podem ou não usufruir.



A volumetria se assemelha a engrenagens de um grande relógio, como um encaixe das engrenagens, "todas as peças devem estar no lugar certo para torná-lo eficiente e funcional, mas com a melhor relação possível com a luz natural e vistas exteriores, para aumentar a sensação de liberdade.



O projeto ainda só está no papel, mas quando construído seus autores dizem: "Essa construção pré-fabricada mudará com a estação, tornando a vida na prisão menos monótona e mais humana, com ênfase na natureza."



Prisão Storstrøm - Dinamarca / CF Moller

"A prisão de Storstrøm é o cenário para a prisão fechada mais humana e ressocializadora do mundo, com arquitetura que sustenta o bem-estar mental e físico dos internos e também garante um ambiente de trabalho seguro e agradável para os funcionários."



Os autores do projeto dizem que um dos principais desafios arquitetônicos do projeto é projetar uma prisão de máxima segurança que acomode cerca de 250 internos e seja menos institucionalizada.

O objetivo do projeto é a criação de uma instalação que reproduza a estrutura e escala de uma pequena comunidade, garantindo assim uma experiência familiar e variada do ambiente carcerário aos detentos. Para se conseguir variações nas volumetrias as fachadas e cumieiras dos prédios são angulares de maneiras diferentes e os materiais da fachada alternam entre tijolos de cores claras e uma combinação de concreto e aço galvanizado – todos estes duráveis e resistentes e que não precisam de muita manutenção. Os prédios são agrupados em unidades que variam de quatro a sete, estes são colocados em torno de um centro social. As unidades possuem acesso a uma sala de estar e cozinha compartilhada, onde os presos preparam suas próprias refeições.



O projeto também dá importância à luz solar, sendo assim cada cela tem luz natural fluindo de duas janelas, de onde os presos também têm vistas da paisagem da pequena comunidade e do céu.

As atividades físicas também são pontos de preocupação no projeto, logo foi projetado ambientes internos e externos que permitem a realização de jogos, exercícios físicos e esportes.

Projetado e construído na Dinamarca entre 2010 - 2017, e vencedor no prêmio em competição arquitetônica de 2010.



Holmsheidi Prison

É uma prisão feminina que rompe com a ideologia de arquitetura punitiva, ela visa introduzir a possibilidade de reintegração do indivíduo criminoso com a sociedade em liberdade.

Para isso o presídio se utiliza da flexibilidade no uso do espaço. A planta circular do



terreno e o quadrado interno totalmente envidraçado oferecem aos guardas uma visão 360 em todos os níveis da arquitetura.

Além de destinar uma área bem extensa para atividades de caráter recreativo, reforçando a ideia de que é preciso dar liberdade as presidiárias em algum nível do comprimento da pena.

ÁREA DE INTERVENÇÃO

O terreno do projeto da unidade prisional, está localizado no bairro Jardim Gramacho em Duque de Caxias – RJ, a área do primeiro distrito pertence a Zona de Ocupação Controlada – ZOC do município. A área de implantação tem como característica baixa renda.

Muitos de seus moradores estão em situação de vulnerabilidade social. A área foi escolhida em vista do fácil acesso e da presença de comercio e industrias. Estão localizados como bairros vizinhos: Olavo Bilac, Doutor Laureano e São Bento



MAPA DE USOS E ATIVIDADES



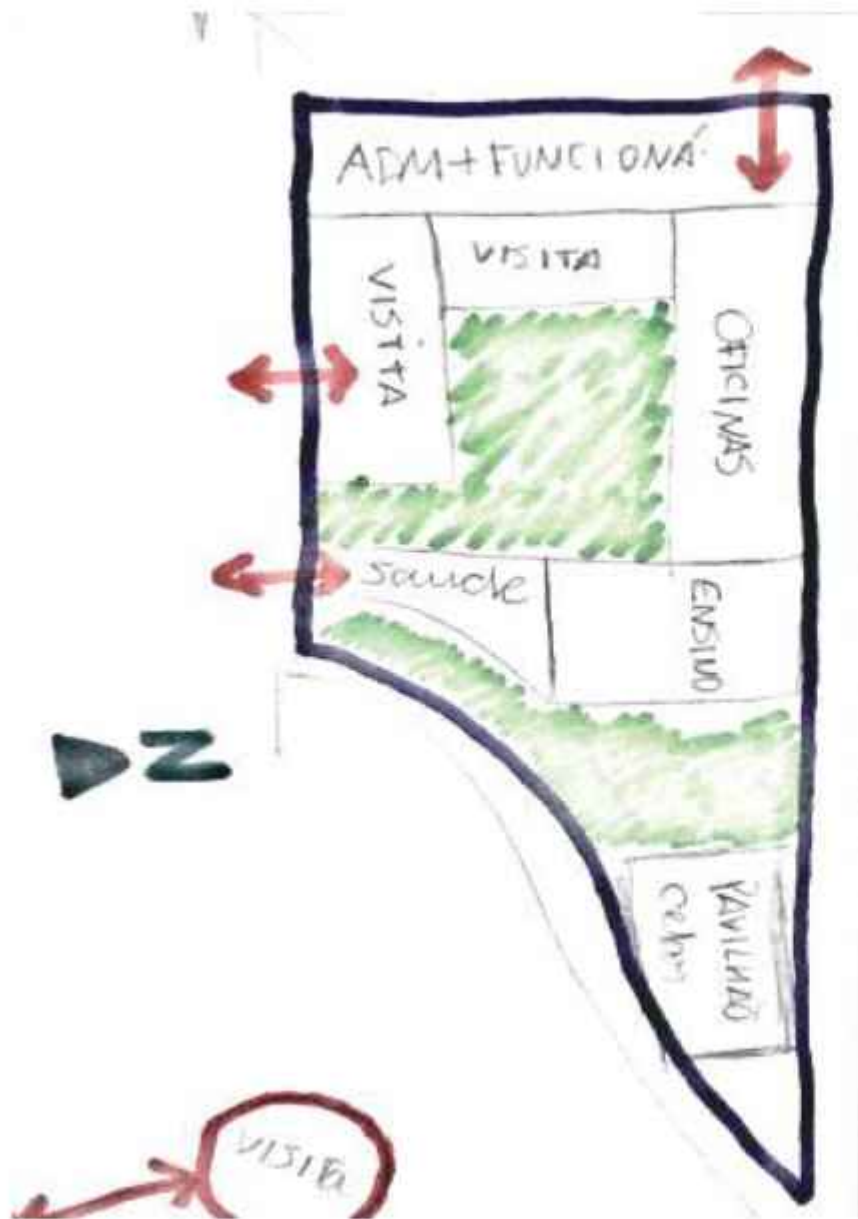
MAPA VIÁRIO

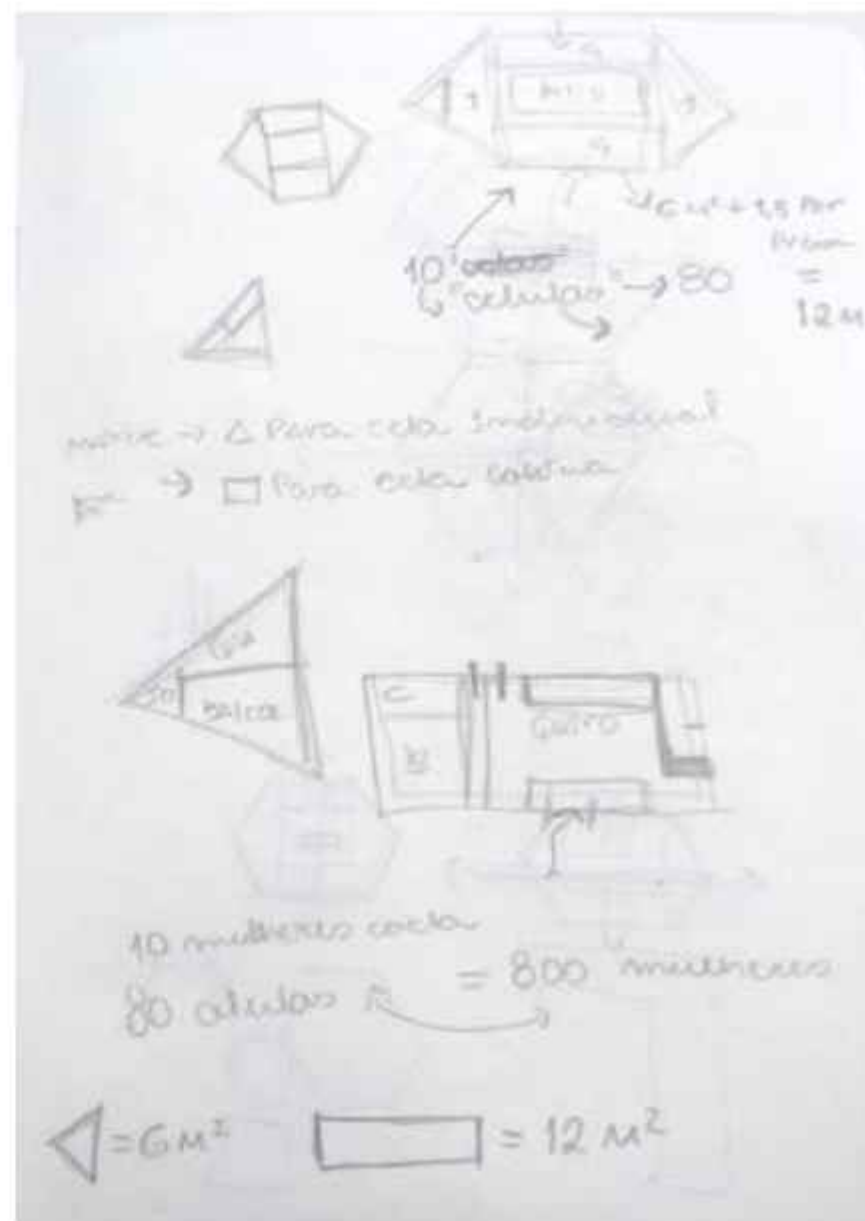
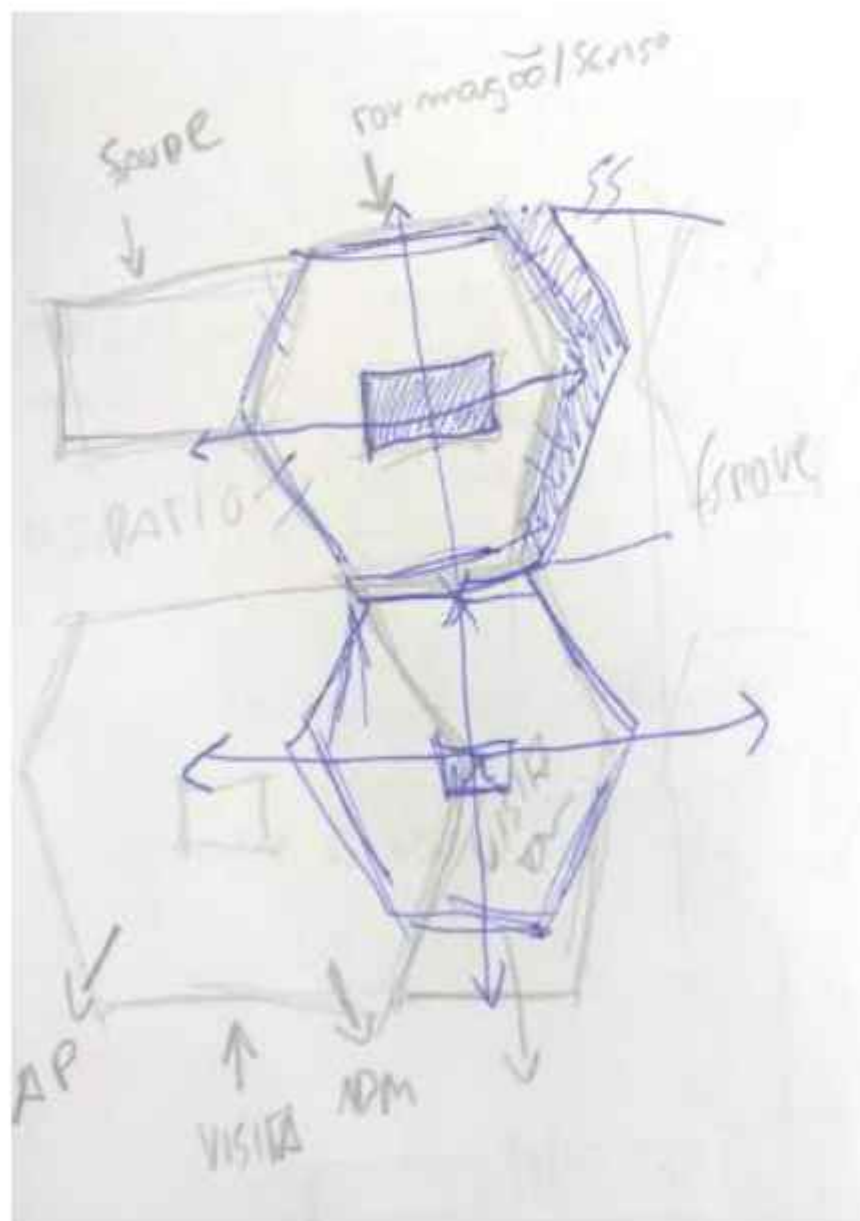


O PROCESSO

Hand-drawn diagram of a school layout. The layout includes a main rectangular area with a dashed border, a small rectangular extension on the left, and a triangular extension on the right. The main area contains several oval shapes labeled 'Classroom', a larger oval labeled 'Library', and a rectangular area labeled 'A.C.'. The left extension contains two oval shapes labeled 'Gymnasium' and 'Dance'. The triangular extension contains a rectangular area labeled 'Cafeteria'. Arrows indicate the flow of traffic between these areas. A note at the bottom right says 'Cafeteria is located in the main building'.

Hand-drawn diagram of a school layout. The layout includes a main rectangular area with a dashed border, a small rectangular extension on the left, and a triangular extension on the right. The main area contains several oval shapes labeled 'Classroom', a larger oval labeled 'Library', and a rectangular area labeled 'A.C.'. The left extension contains two oval shapes labeled 'Gymnasium' and 'Dance'. The triangular extension contains a rectangular area labeled 'Cafeteria'. Arrows indicate the flow of traffic between these areas. A note at the bottom right says 'Cafeteria is located in the main building'.



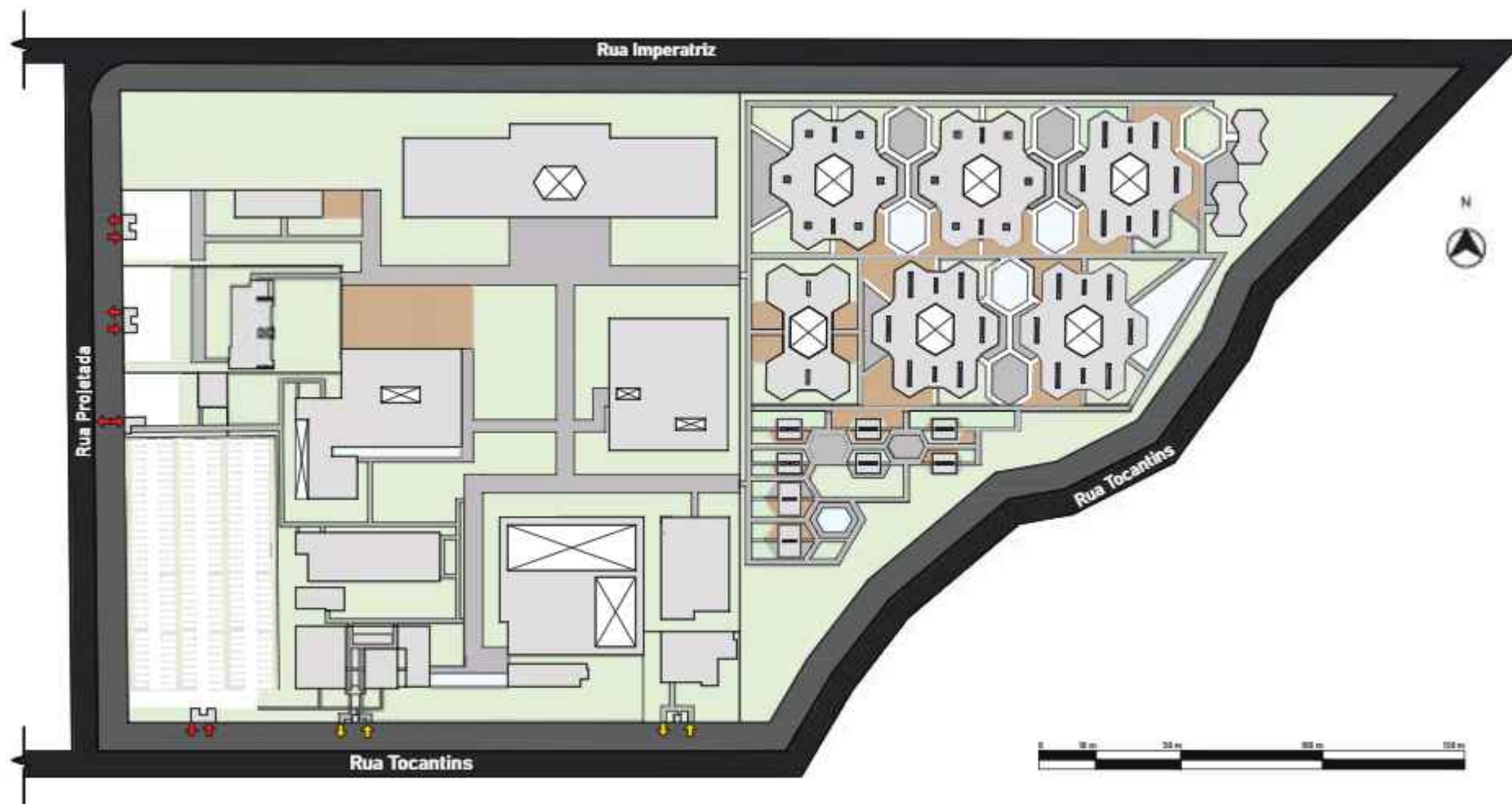


A PROPOSTA



VISTA ENTRADA E SAÍDA COLMEIA MATERNO

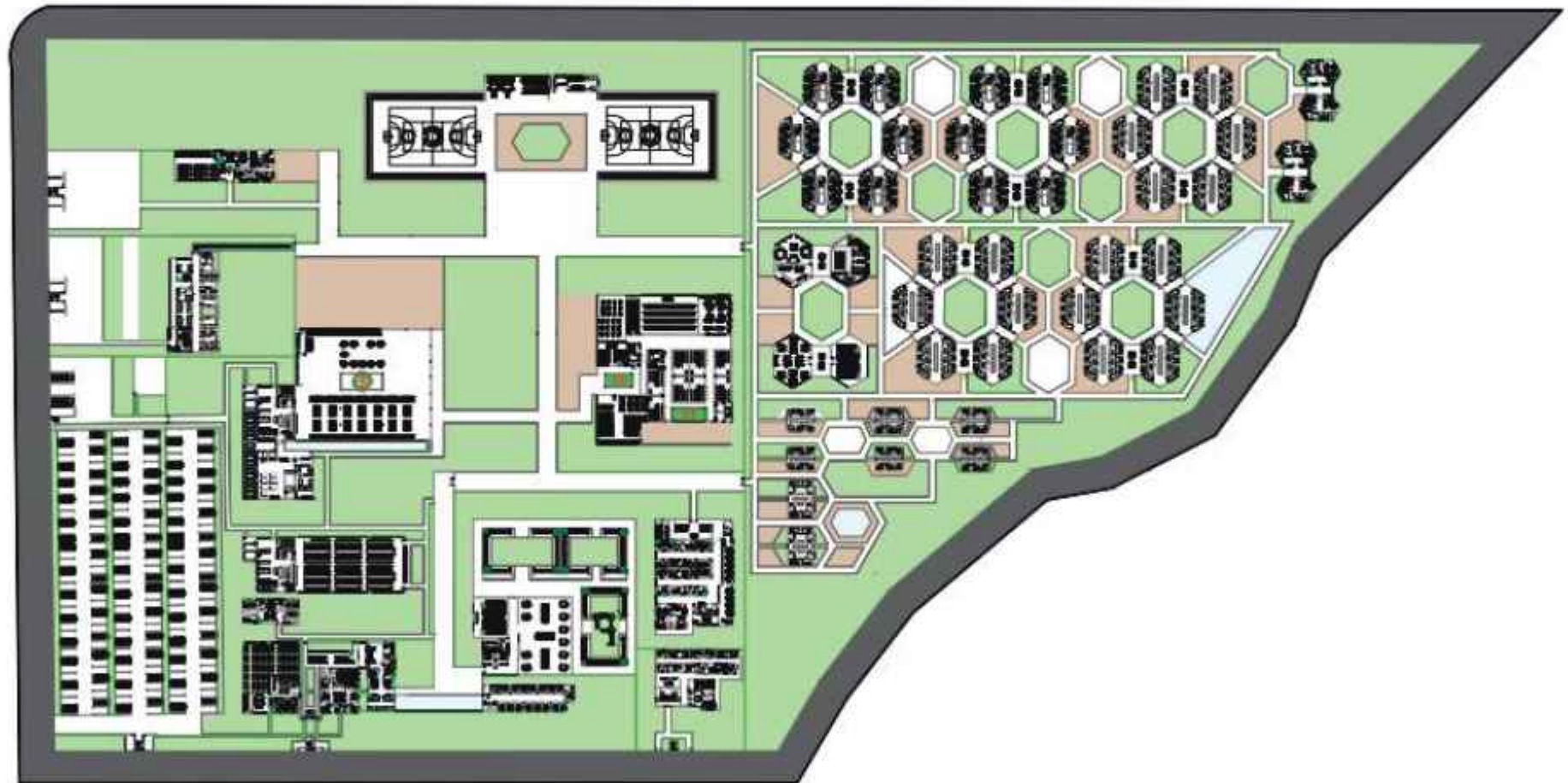
SITUAÇÃO



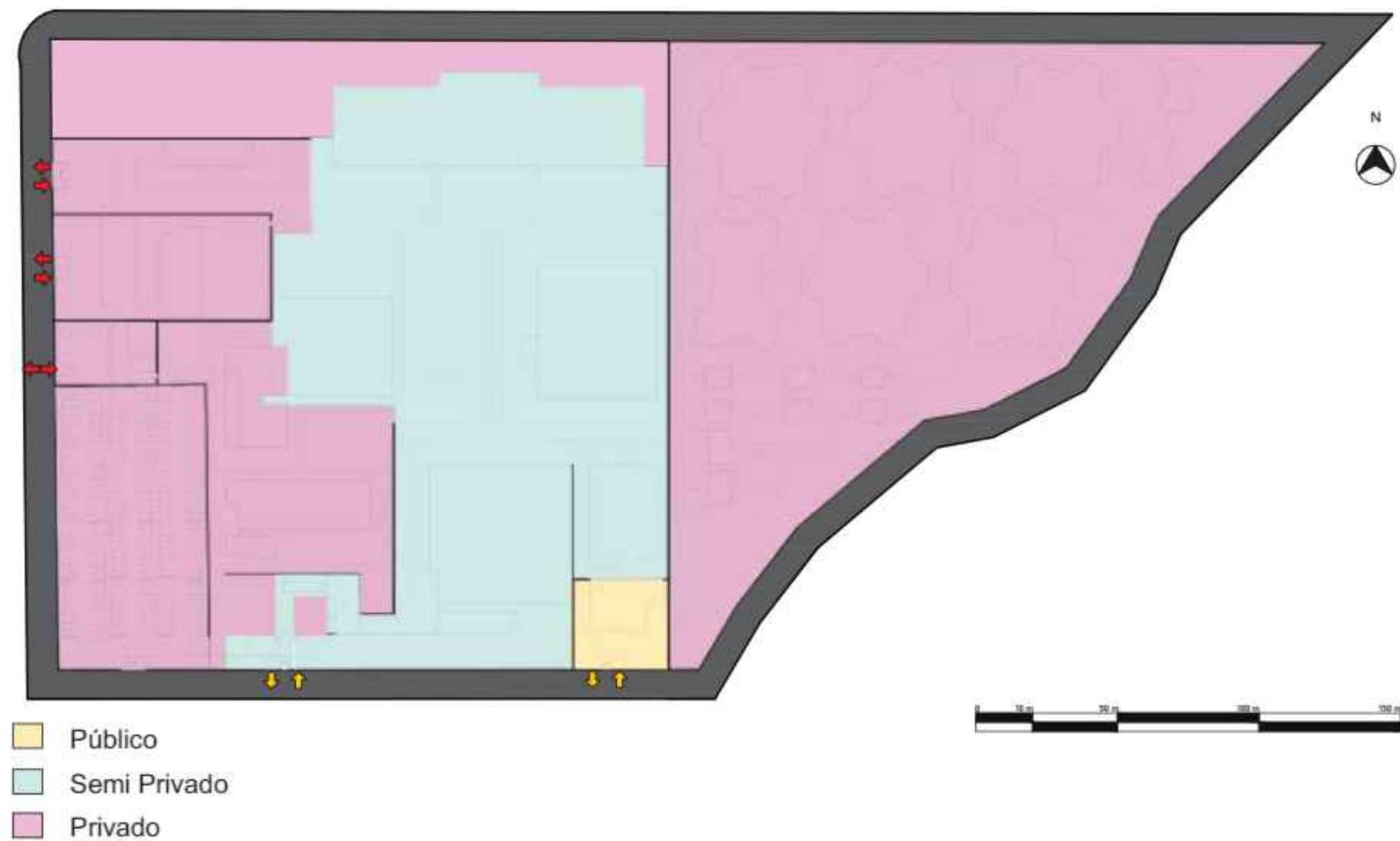
- Blocos
- Cobertura
- Área Permeável

- Acesso Veículos
- Acesso Pedestres

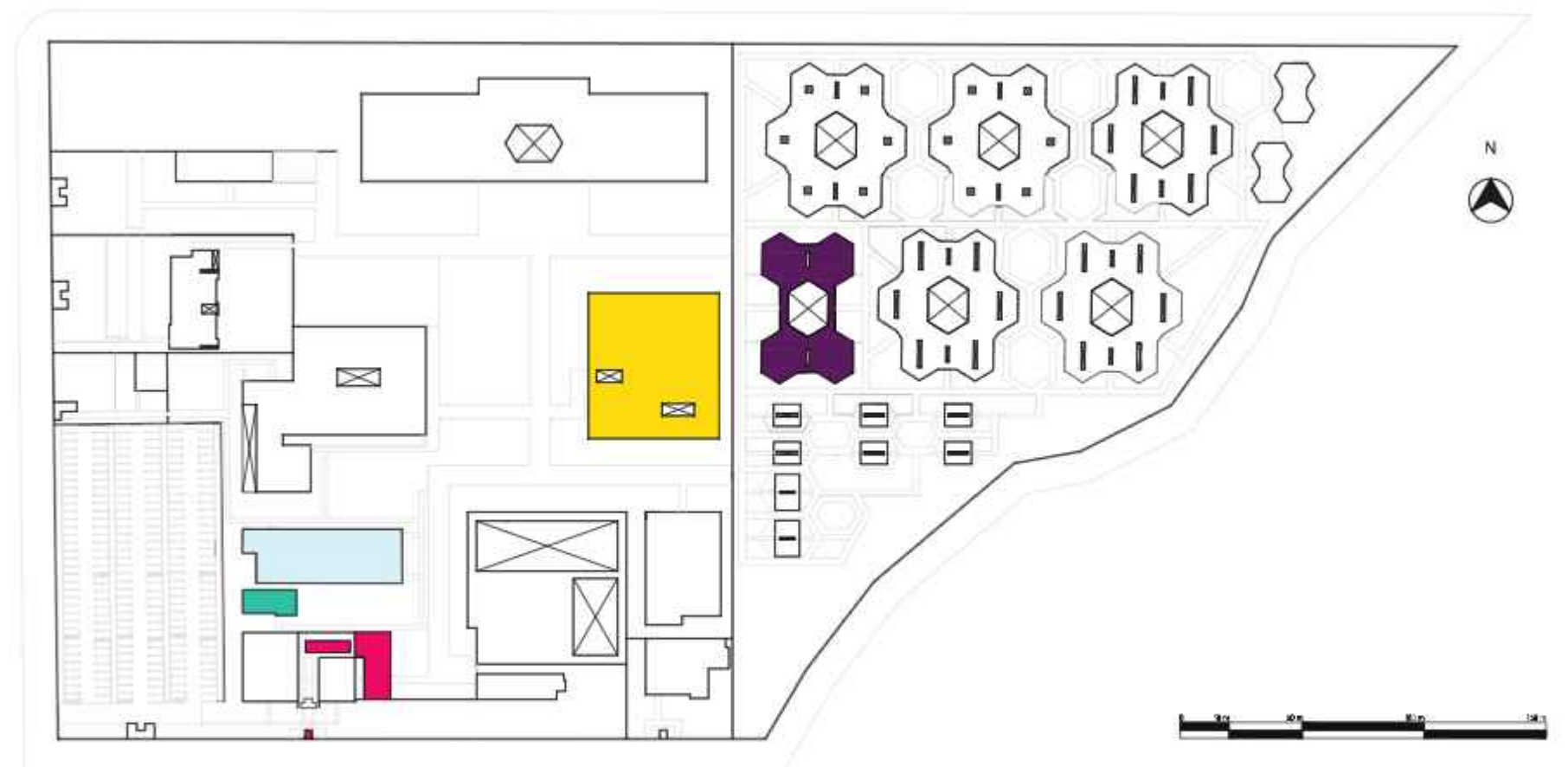
IMPLANTAÇÃO E ACESSOS



SETORIZAÇÃO DO COMPLEXO



SETORIZAÇÃO DOS BLOCOS



■ Guarita	■ Recepção e Revista	■ Triagem e Inclusão	■ Assistência a Saúde - Detentas
■ Eclusa	■ Guarda Externa	■ Tratamento Penal	■ Agentes Penitenciários
■ Celas	■ Refeitório Funcionários	■ Esporte	■ Apoio Materno Infantil
■ Administrativo	■ Serviços / Refeitório Detentas	■ Ensino	■ Convivência e Lazer



VISTA DA ÁREA EXTERNA ÁREA DAS CELAS

Módulo ENSINO

Módulo de Ensino: Espaço destinado às atividades de ensino formal, informal. Sempre com sentido profissionalizante, será utilizado para favorecer as pessoas presas no desenvolvimento de competências para o convívio social e também para o trabalho remunerado.

Módulo VISITA

Módulo destinado à prática de cerimônias e cultos religiosos, peças teatrais, e visita de caráter comum. Promove apenas a vigilância externa da unidade prisional.

Módulo ASSISTÊNCIA A SAÚDE

Módulo de Assistência à Saúde (Detentas): Provê, em caráter preventivo e curativo, assistência médica, farmacológica, psicológica, entre outras especialidades para as detentas do estabelecimento penal.

Módulo ESPORTES

Módulo de Esportes: Este módulo destina-se a atividades esportivas.

Módulo SERVIÇO / REFEITÓRIO

Módulo de Serviços: Abrange cozinha, lavanderia, horta e panificação.

Módulo TRATAMENTO PENAL

Módulo de Tratamento Penal: Este módulo destina-se às atividades de avaliação e de acompanhamento das pessoas presas, devendo funcionar em conjunto com a equipe de saúde.

Módulo TRIAGEM E INCLUSÃO

Módulo de Triagem/Inclusão: Módulo destinado a receber a pessoa presa em sua entrada no estabelecimento penal. A permanência da pessoa presa deverá ser a mais breve possível, apenas o tempo necessário para a coleta de dados e a identificação.

Módulo ASSISTÊNCIA DE SAÚDE VISITANTES

Módulo de Assistência à Saúde (Visitantes): Provê, em caráter preventivo e curativo, assistência médica, farmacológica, psicológica, entre outras especialidades para a comunidade do entorno.

SETOR INTERMEDIÁRIO

Módulo VISITAS ÍNTIMAS

Módulo destinado a propiciar à pessoa presa o acesso à visita íntima dos(as) esposos(as) ou companheiros(as) hetero ou homoafetivos. Abriga a guarda interna, cuja função é controlar a entrada e a saída de pessoas presas, de visitantes, de viaturas e a segurança interna do estabelecimento penal.

ASSISTÊNCIA A SAÚDE (DETENTA)	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	SALA DE RECEPÇÃO / ESPERA	77,47
	SANITÁRIO FEMININO	27,26
	CONSULTÓRIO MÉDICO (4)	12,30
	CONSULTÓRIO MÉDICO (2)	8,82
	CELA ENFERMARIA (10 LEITOS)	128,25
	SALA ODONTOLÓGICA (3)	10,48
	SALA DE GINECOLOGIA (2)	17,90
	SALA DE PROCEDIMENTOS	20,98
	SALA DE EXAMES	34,58
	SALA DE RAO X	30,53
	SALA DE ULTRASOM (2)	9,00
	CURATIVOS E ENFERMAGEM	20,98
	ROUPARIA	10,50
	ESTOQUE	8,00
	DEPÓSITO	6,32
	DISPERÇÃO DE MEDICAMENTOS E ESTOQUE	11,20
	SALA DE DESCANSO / COPA	17,84
	VESTIÁRIO FUN. FEMININO	21,22
	VESTIÁRIO FUN. MASC.	21,22

ASSISTÊNCIA DE SAÚDE (VISITANTES)	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	SALA DE RECEPÇÃO / ESPERA	85,00
	SALA DE EXAMES	34,60
	CONSULTÓRIO MÉDICO (3)	12,30
	SALA DE GINECOLOGIA (1)	14,83
	SALA ODONTOLÓGICA	10,48
	SALA DE PROCEDIMENTOS	20,98
	CURATIVOS E ENFERMAGEM	20,98
	SANITÁRIO FEMININO	9,90
	SANITÁRIO MASCULINO	9,90
	VESTIÁRIO FEMININO	2,25
	VESTIÁRIO MASCULINO	2,25

SERVIÇO / REFEITÓRIO	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	REFEITÓRIO FUNCIONÁRIOS	608,18
	REFEITÓRIO DETENTAS	1.138
	COZINHA FUNCIONÁRIOS	241,00
	COZINHA DETENTAS	241,00
	PANIFICAÇÃO	165,65
	HORTA	54,00
	LAVANDERIA	73,30

ENSINO	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	BIBLIOTECA / MEDIATECA	212,64
	SALA DE AULA (8)	44,96
	OFICINA DE MAECENARIA	127,32
	OFICINA DE COSTURA	230,94
	OFICINA DE ARTESANATO	139,21
	ESTOQUE	53,32
	AUDITÓRIO	61,10
	SALA DE CONTROLE	16,68
	SALA DE PROFESSORES	139,21
	DIRETORIA	14,06

TRATAMENTO PENAL	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	SALA ATD. SOCIAL PRESIDÁRIA (2)	12,00
	SALA ATD. JURÍDICO	22,36
	COPA	11,68
	SALA ATD. EM GRUPO	30,00
	SANITÁRIO FEMININO	7,48
	SANITÁRIO MASCULINO	6,70
	SALA DE ESPERA	22,36
	SALA DE ACARREAÇÃO	19,30
	SALA DE AUDIÊNCIA / INTERROGATÓRIO	27,15

VISITA	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	ÁREA COBERTA	415
	ÁREA DESCOBERTA / ÁREA INFANTIL	1.734
	SALA ECUMÊNICA	140
	SALA DE CABELEREIRO	39,43
	SANITÁRIO FEMININO	16,90
	SANITÁRIO MASCULINO	16,90

VISITA INTIMA	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	SUÍTES (10)	12,32
	SUÍTES PNE	15,67
	ROUPARIA	6,44
	ENTREGA ROUPA SUJA	6,44
	DEPÓSITO DE LIMPEZA	3

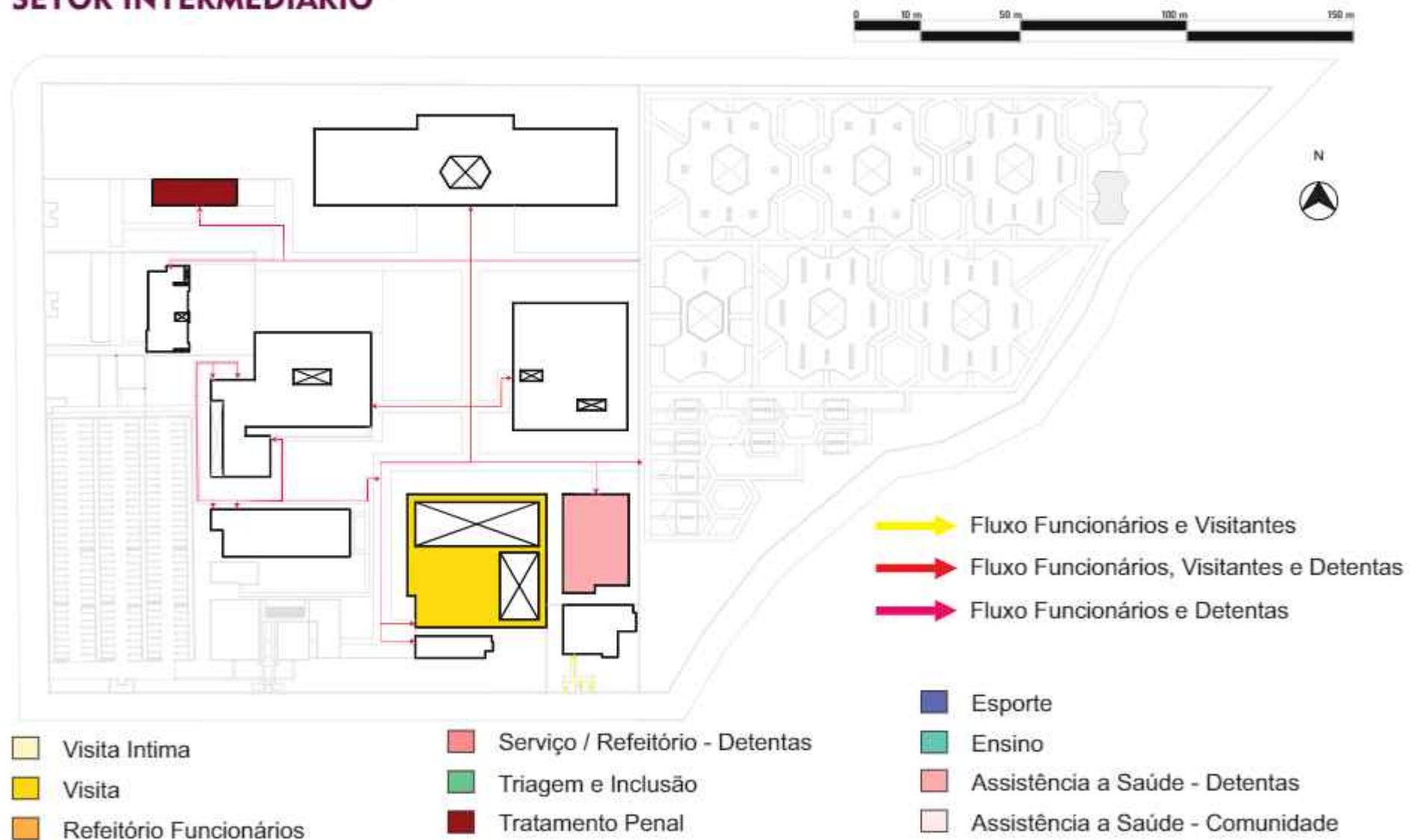
TRIAGEM / INCLUSÃO	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	ECLUSA DE VEÍCULOS	12,00
	SALA PARA AGENTES	22,00
	SALA CHEFIA DOS AGENTES	14,40
	VESTIÁRIO UNISES	19,80
	REVISTA	52,00
	SALA DE IDENTIFICAÇÃO	19,60
	SALA DE PERTENCES	19,90
	SALA DE RECEB. DA PRESA	22,73
	CELAS INDIVIDUAIS WC (4)	6,00
	SOLÁRIO INDIVIDUAL (4)	3,90
	CELAS COLETIVAS WC (4)	9,50
	SOLÁRIO COLETIVO (1)	24,40
	CELA PNE COLETIVA WC (1)	17,60
	SOLÁRIO PNE (1)	11,25

ESPORTE	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	ACADEMIA	310,00
	VESTIÁRIO / BANHEIRO	47,79
	VESTIÁRIO / BANHEIRO PNE	12,44
	QUADRA	1.132



VISTA DO PÁTIO DE JOGOS

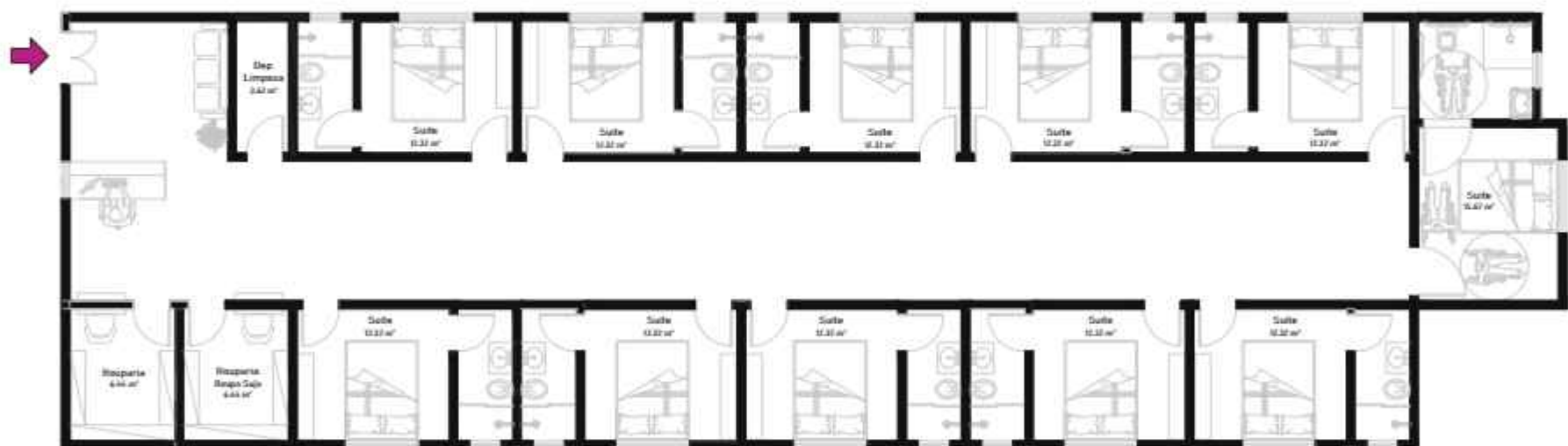
SETOR INTERMEDIÁRIO



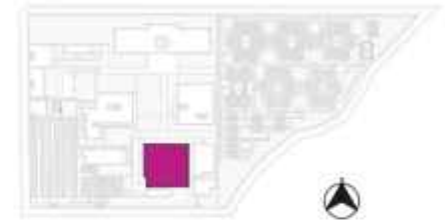
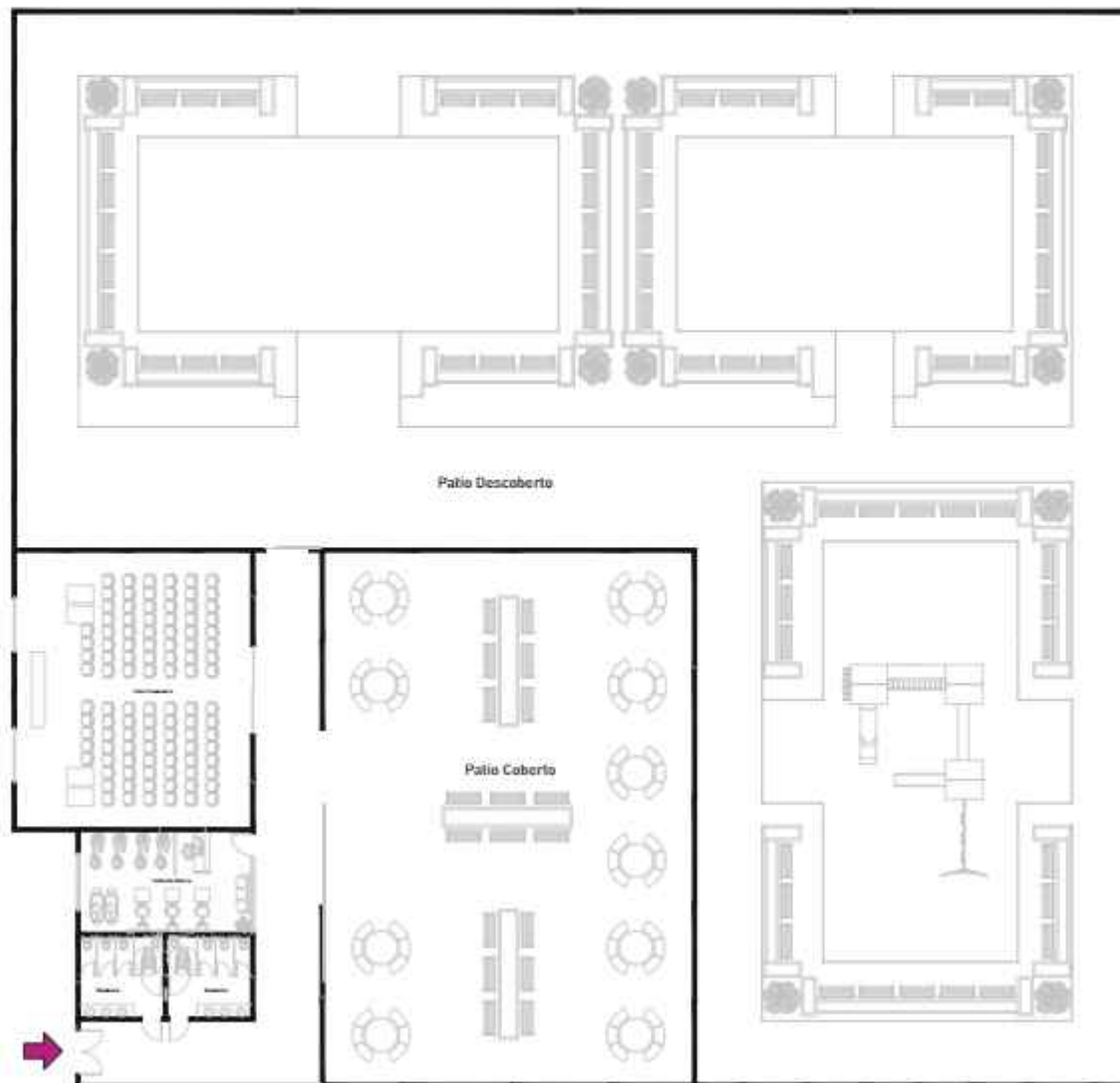
ASSISTÊNCIA MÉDICA COMUNIDADE



VISITA INTIMA



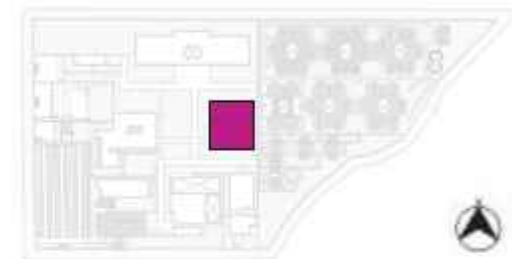
VISITA



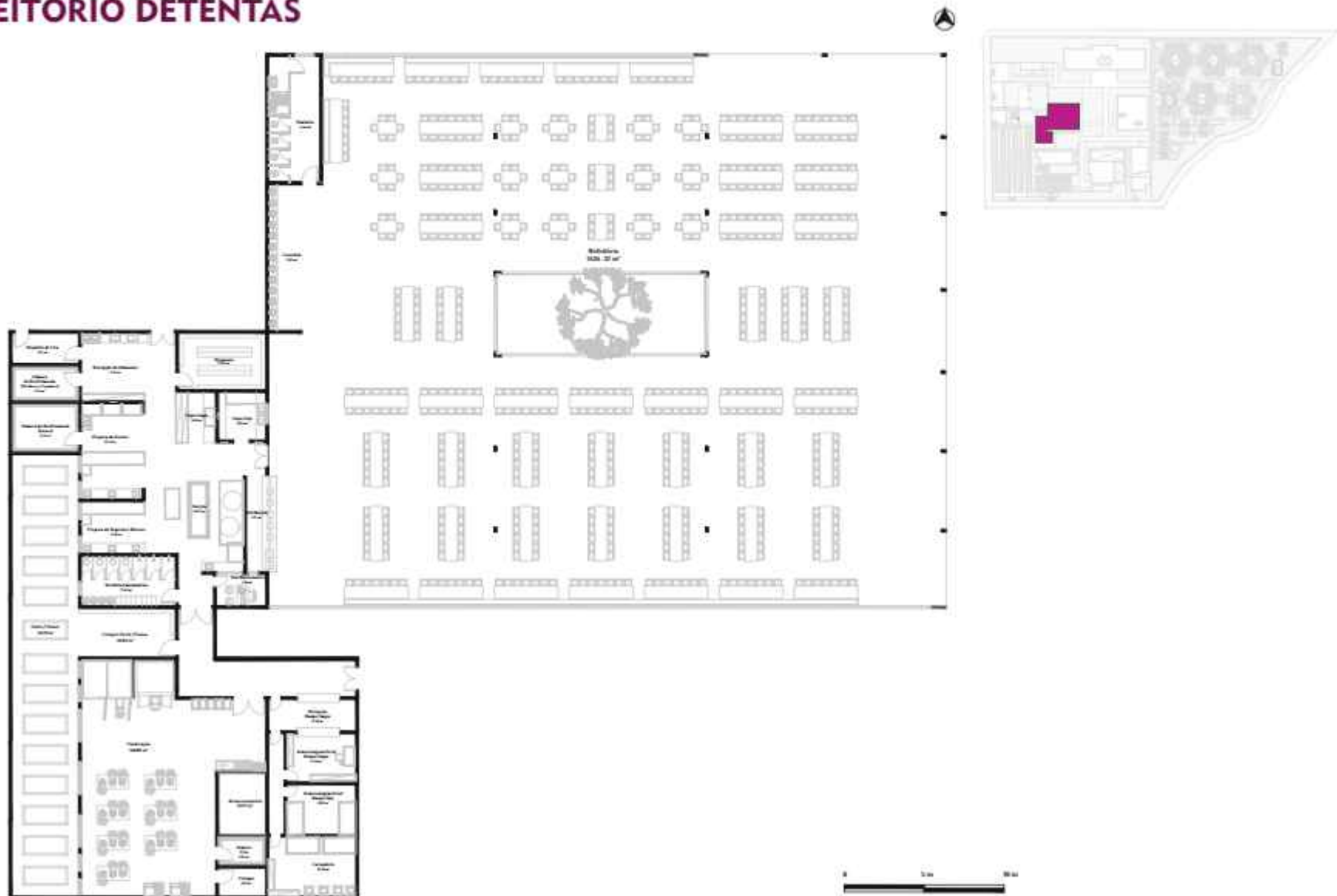
ASSISTÊNCIA MÉDICA (DETENTAS)



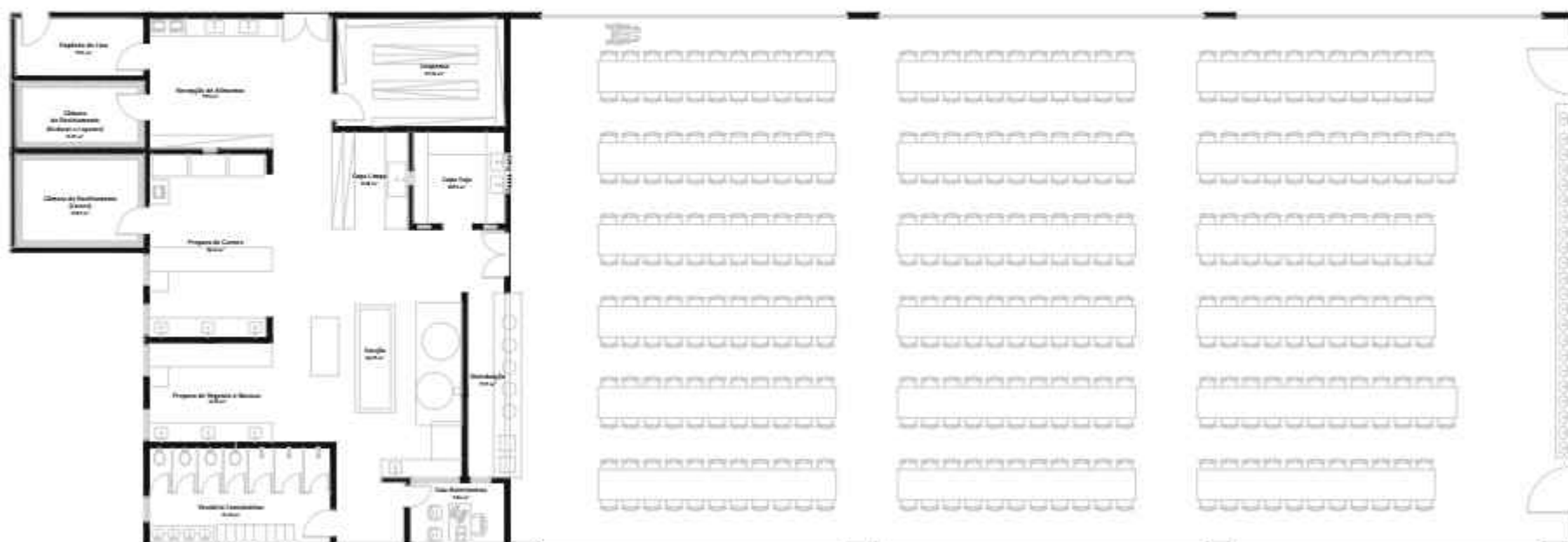
ENSINO



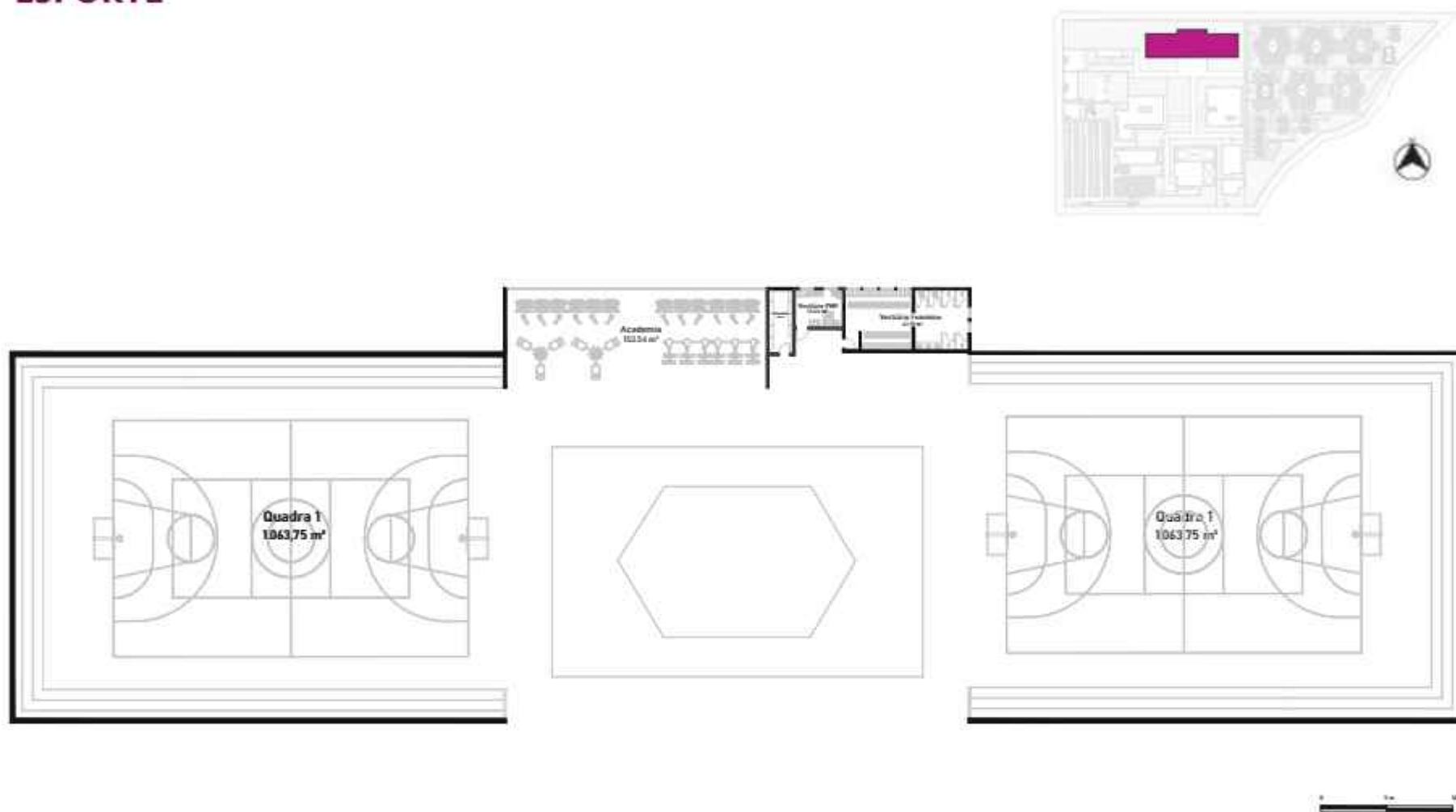
REFEITÓRIO DETENTAS



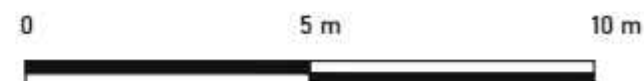
REFEITÓRIO - FUNCIONÁRIOS



ESPORTE



TRATAMENTO PENAL



TRIAGEM / INCLUSÃO





VISTA ESPELHO D'ÁGUA

Módulo AGENTES PENITENCIÁRIOS

Abriga a guarda interna, cuja função é controlar a entrada e a saída de pessoas presas, de visitantes, de viaturas e a segurança interna do estabelecimento penal.

Módulo RECEPÇÃO E REVISTA DE VISITANTES

Destina-se a controlar a entrada e a saída de pessoas, veículos, pertences e materiais.

SETOR EXTERNO

Módulo GUARDA EXTERNA

Promove apenas a vigilância externa da unidade prisional.

Módulo ADMINISTRATIVO

Funcionando como órgão central de controle e administração, abriga a diretoria do estabelecimento e suas dependências administrativas.

ADMINISTRATIVO	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	RECEPÇÃO	10,00
	SALA DIRETOR	10,00
	SALA VICE-DIRETOR	10,00
	SALA APOIO ADM	10,00
	SALA ADM. EQP. TEC	10,00
	SALA DE REUNIÕES	14,25
	ARQUIVO/PRONTUÁRIO	22,85
	SANITÁRIOS E LAV.	5,95
	COPA	8,00
	CENTRAL DE MONIT.	40,00

GUARDA EXTERNA	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	SALA DE COMANDO	12,46
	SALA DE ARMAS	10,22
	VESTIÁRIO FEMININO	12,15
	VESTIÁRIO MASCULINO	12,15
	COPA	10,22
	DEPÓSITO	5,70
	DORMITÓRIO FEMININO	18,48
	DORMITÓRIO MASCULININO	18,48
	SALA DE ESTAR	22,00

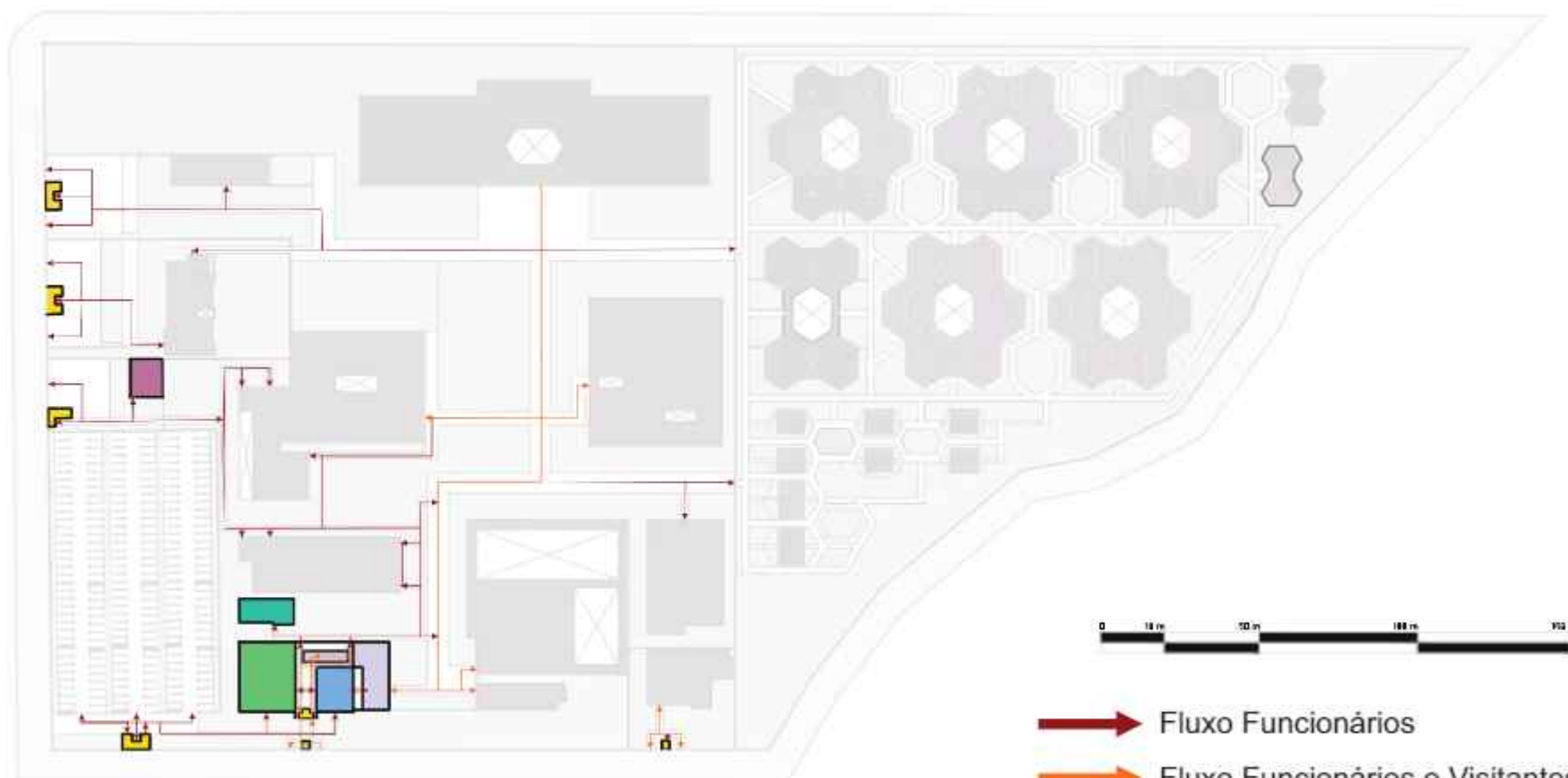
AGENTES PENITENCIÁRIOS	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	DORMITÓRIOS FEMININO	147,80
	DORMITÓRIOS MASCULINO	173,00
	VESTIÁRIO FEMININO	21,60
	VESTIÁRIO MASCULINO	21,60
	COPA/REFEITÓRIO	8,48
	DEPÓSITO DE LIMPEZA	3,15
	SALA DE ESTAR	22,50

RECEPÇÃO/REVISTA DE VISITANTES	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	SALA DE ESPERA	52,00
	PORTARIA	52,00
	SALA DE PERTENCES	20,94
	BANHEIROS	14,54
	ADM E CONTROLE	20,88
	SALA DE ATENDIMENTO FAMILIAR	20,88
	SALA DE ESPERA	26,41
	SALA DE REVISTA	40,84



VISTA ÁREA DAS CELAS - PÁTIO DE CONVERSA

SETOR EXTERNO



 Guarda Externa

 Almoхарifado

 Administrativo

 Recepção e Revista

 Fluxo Funcionários

 Fluxo Funcionários e Visitantes

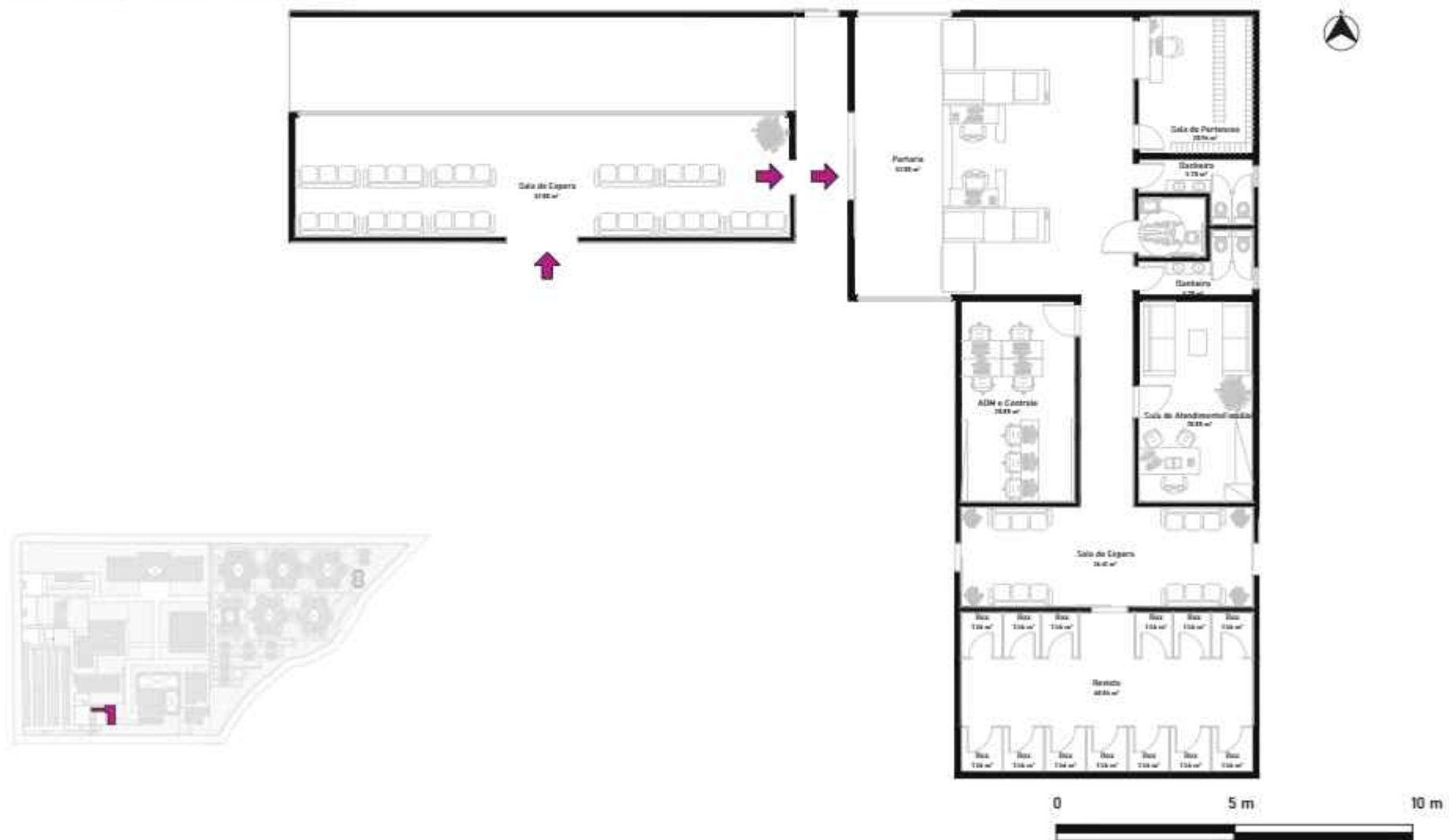
 Guarita / Eclusa

 Agentes Penitenciários

AGENTES PENITENCIÁRIOS



RECEPÇÃO E REVISTA



ADMINISTRATIVO



GUARDA EXTERNA



0

5 m

10 m





VISTA PÁTIO DA ÁREA DE CONVIVÊNCIA

Módulo MATERNO INFANTIL

Módulo destinado ao apoio as mães quanto seus filhos, prevê área de recreação, alimentação, cuidado com a saúde e aprendizado.

SETOR INTERNO

Módulo ÁREA DE CONVIVÊNCIA

Módulo destinado ao lazer das presas, dispõem de uma área de beleza e descanso, sala de áudio visual e jogos. Abriga também o posto de controle que ocorre a monitoração da área das celas por parte dos funcionários.

Módulo VIVÊNCIA COLETIVA

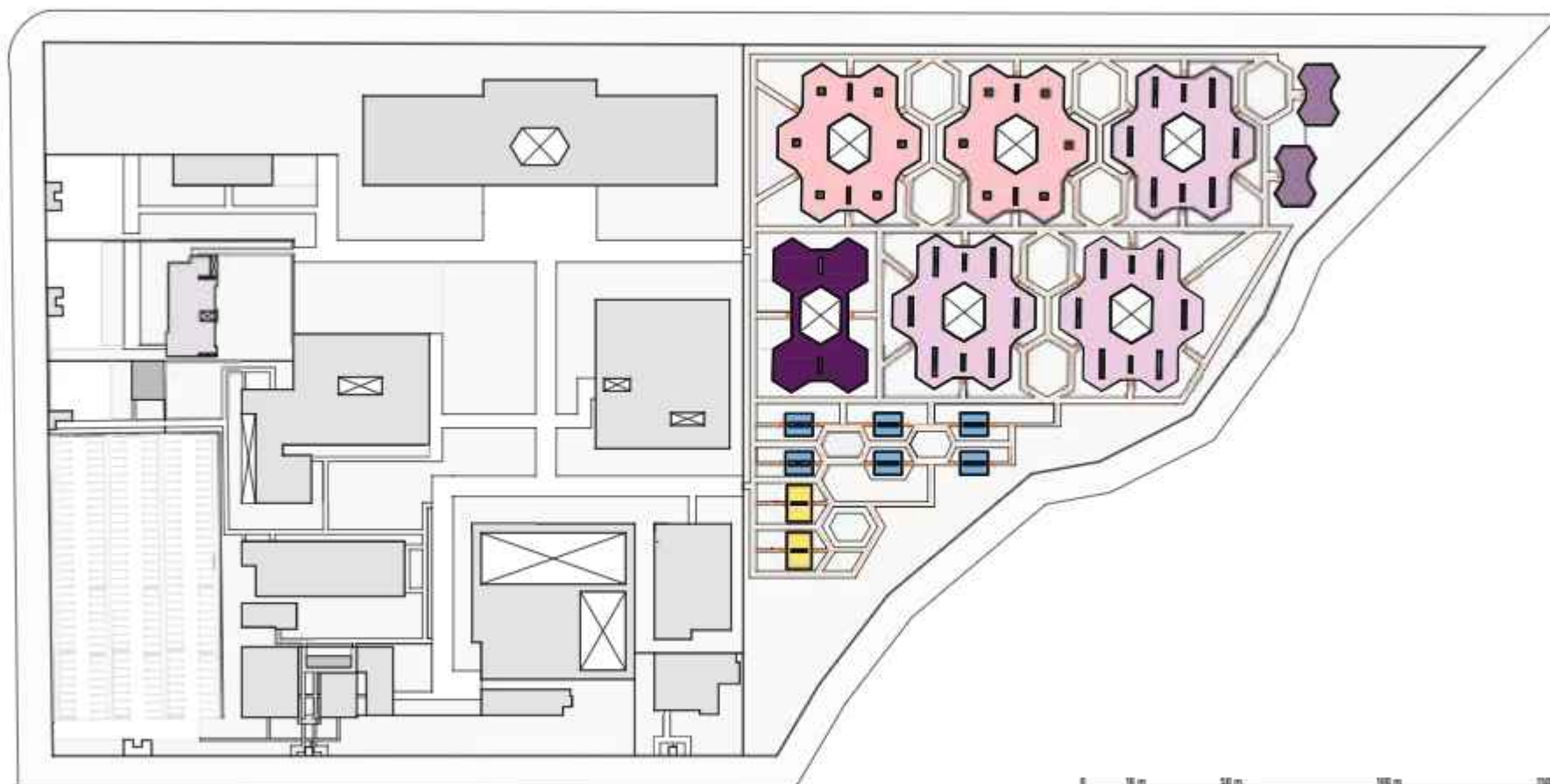
Este módulo deverá representar unidade autônoma, contando com espaços que sejam usados pelas detentas em seu dia-a-dia. Abrange todos os tipos de celas. Destina-se a controlar a entrada e a saída de pessoas, veículos, pertences e materiais.

ÁREA DE CONVIVÊNCIA	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	SALA DE JOGOS	158,25
	SALA DE AUDIO VISUAL	158,25
	SALA DE CONTROLE	158,25
	PATIO	450,30
	SALÃO DE CABELEREIRO E RELAXAMENTO	158,25

CENTRO MATERNO INFANTIL	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	REFEITÓRIO INFANTIL	33,41
	COZINHA	12,41
	CONSULTÓRIO PEDIÁTRICO	11,62
	SALA DE RECEPÇÃO E ESPERA	19,70
	SALA DE AULA	17,34
	BRINQUEDOTECA	17,34
	BERÇARIO	17,05
	BANHEIRO FEMININO	7,88
	BANHEIRO MASCULINO	7,80

VIVÊNCIA COLETIVA	AMBIENTE	ÁREA (m²)
	CELA COLETIVA TIPO 1 (108)	11,45
	CELA COLETIVA TIPO 2 (72)	7,60
	CELA INDIVIDUAL (30)	6,00
	CELA GESTANTE (72)	7,60
	CELA MATERNO	11,45

SETOR INTERNO



- Colmeia Materno Infantil
- Colmeia Celas Coletivas
- Colmeia Celas Individuais

- Colmeia Celas PNE e Idosas
- Centro Materno Infantil
- Espaço de Convivência

➔ Fluxo Funcionários e Detentas

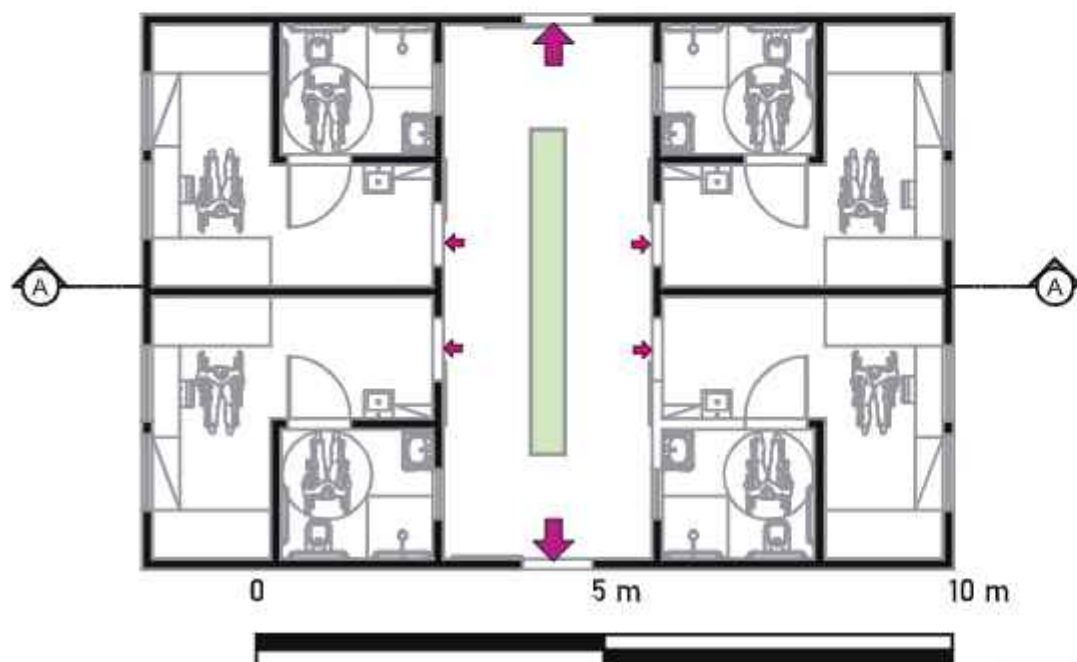


VISTA CORREDOR ÁREA DE CONVIVÊNCIA

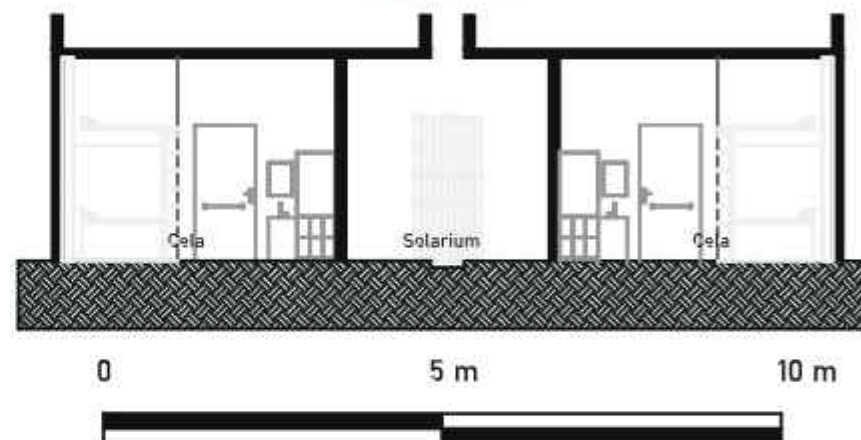
COLMEIA PNE E IDOSAS

Esta colmeia é destinada ao público portador de necessidades específicas. A arquitetura destas edificações segue a norma 9050. São quatro celas em casa colmeia que abrigam em si, quatro mulheres. Existindo então duas colmeias, é totalizada oito celas e trinta e duas mulheres nestas colmeias. As construções também possuem um pátio interno que auxilia na ventilação das celas.

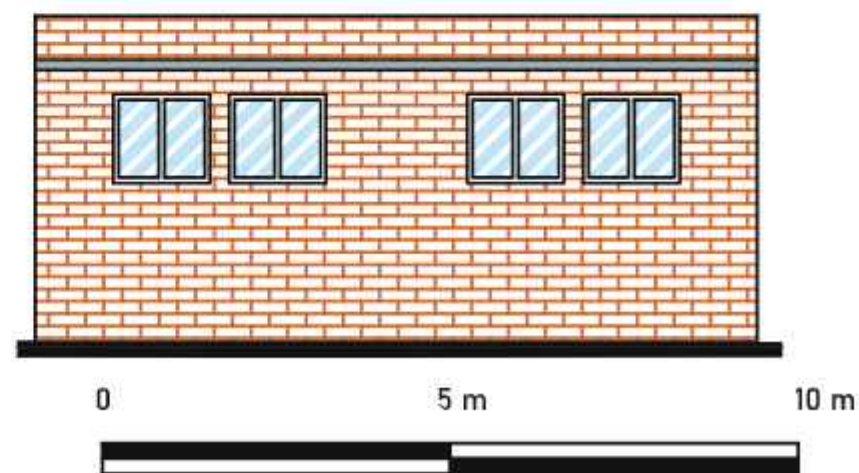
PLANTA BAIXA



CORTE A-A

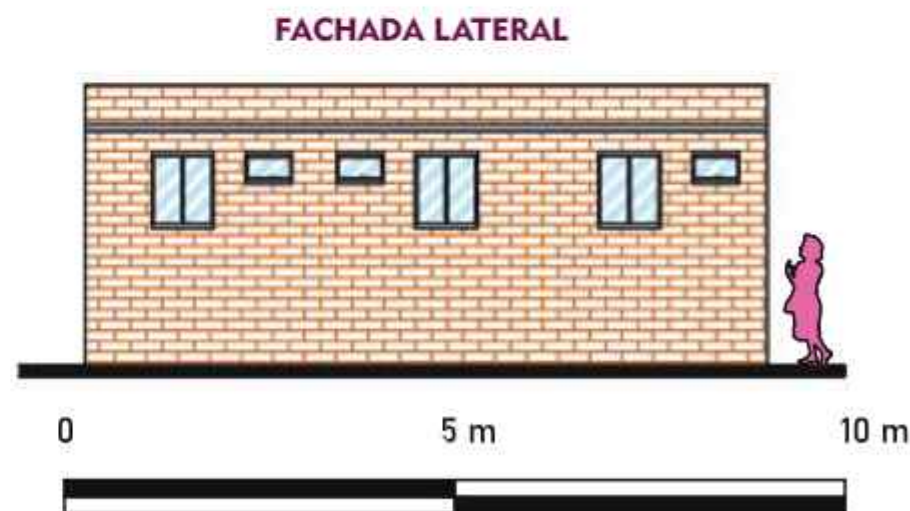
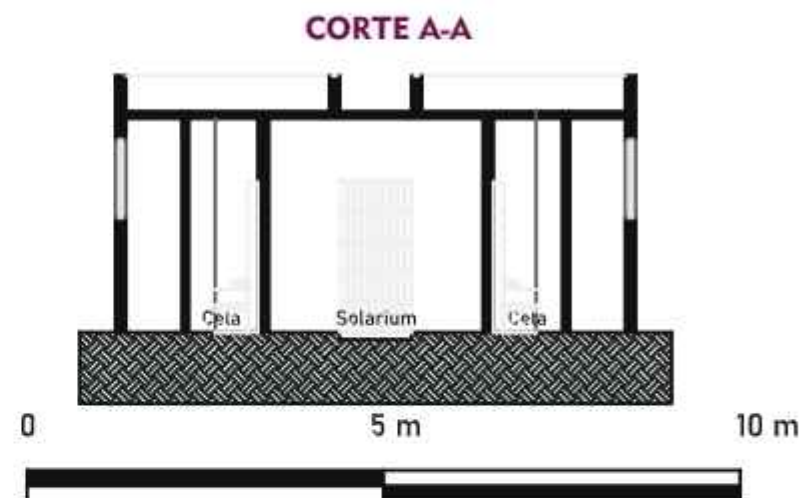
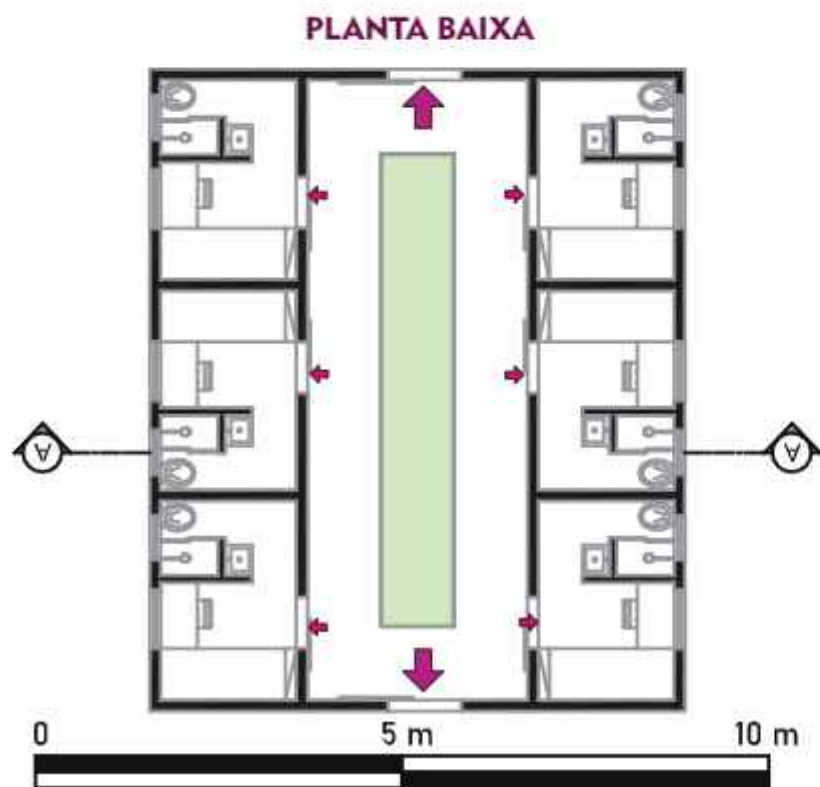


FACHADA LATERAL



COLMEIA INDIVIDUAL

São seis edificações destinadas ao público que possua terceiro grau e/ou que tenha ou possa cumprir a pena em uma cela solo. Em cada uma das seis colmeias estão dispostas seis celas, o que totaliza o número de 36 celas e 36 detentos. Estas dividem o pátio interno que funciona como solarium e proporcionam uma vivência coletiva dentro de cada colmeia.



COLMEIA COLETIVA

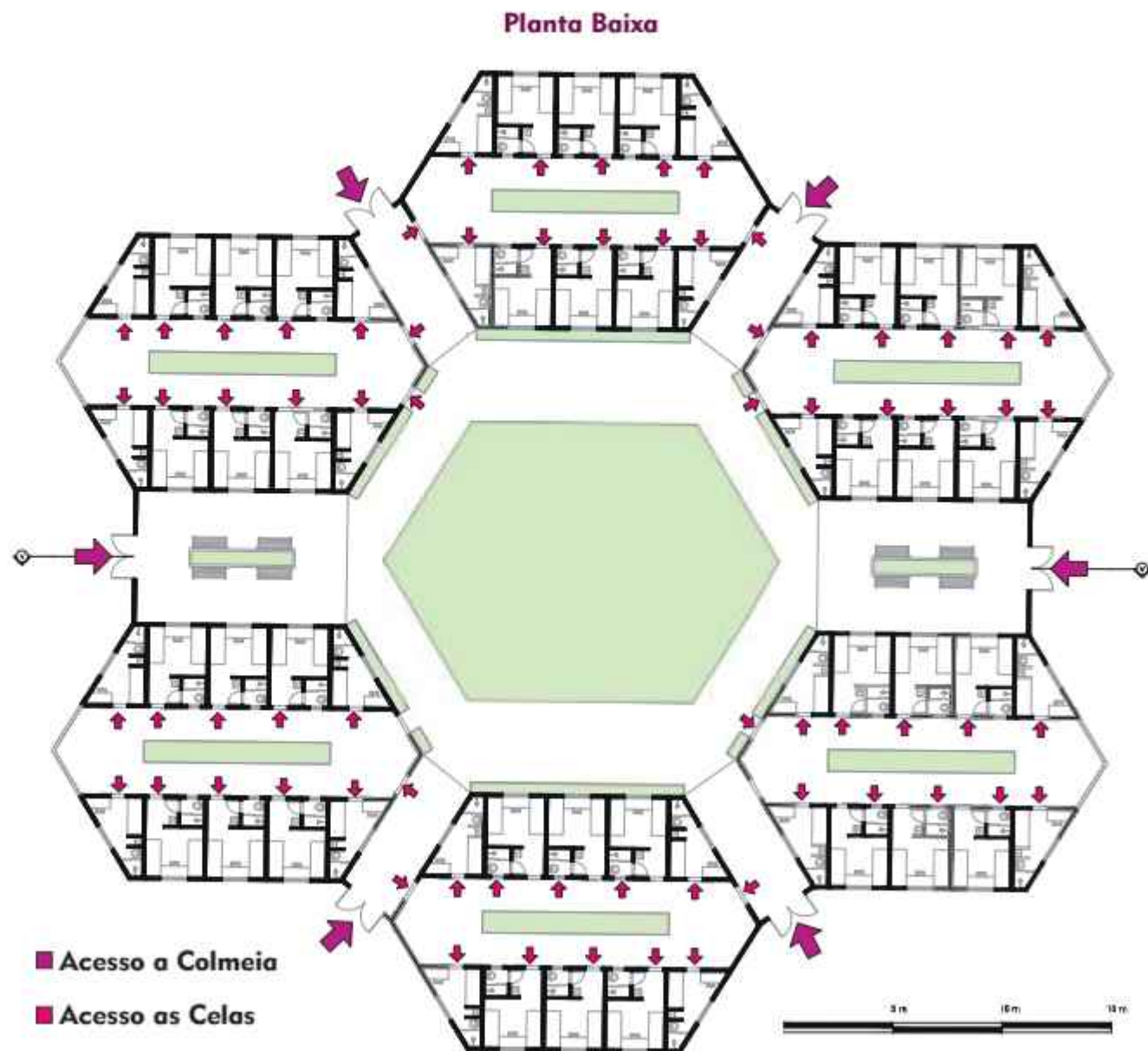
São três grandes colmeias que são compostas por seis pequenas colmeia cada uma. Cada uma desta abriga 32 mulheres.

Todo esse conjunto abriga 576 mulheres

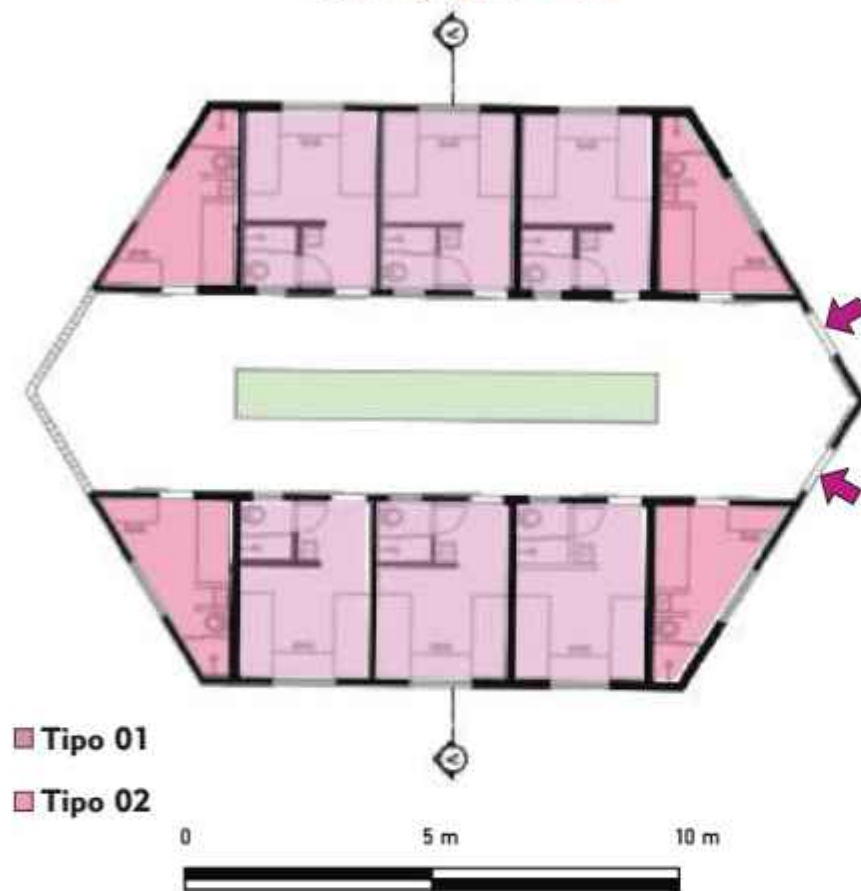
Existem dois tipos de cela nessa colmeia:

O **tipo 01** abriga até quatro mulheres, cada um com sua cama e uma mesa e o banheiro.

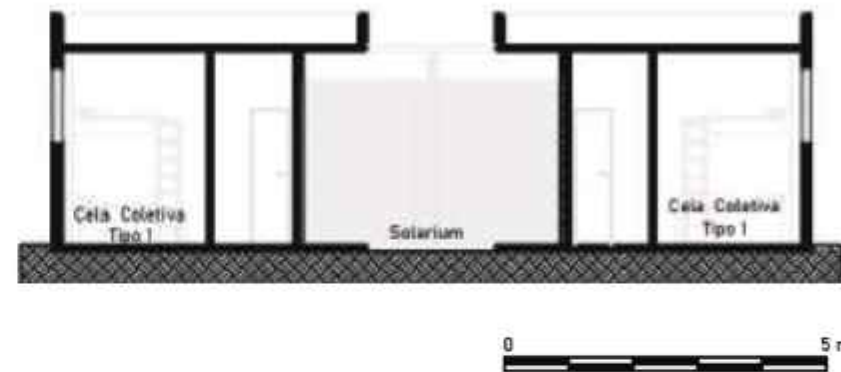
O **tipo 02** abriga até duas mulheres e estas compartilham uma mesa e o banheiro.



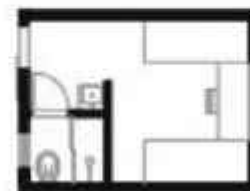
Setorização das Celas



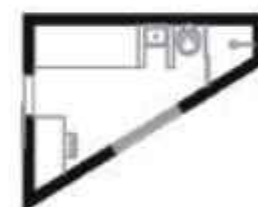
Corte A-A



Tipo 01



Tipo 02



Fachada Frontal

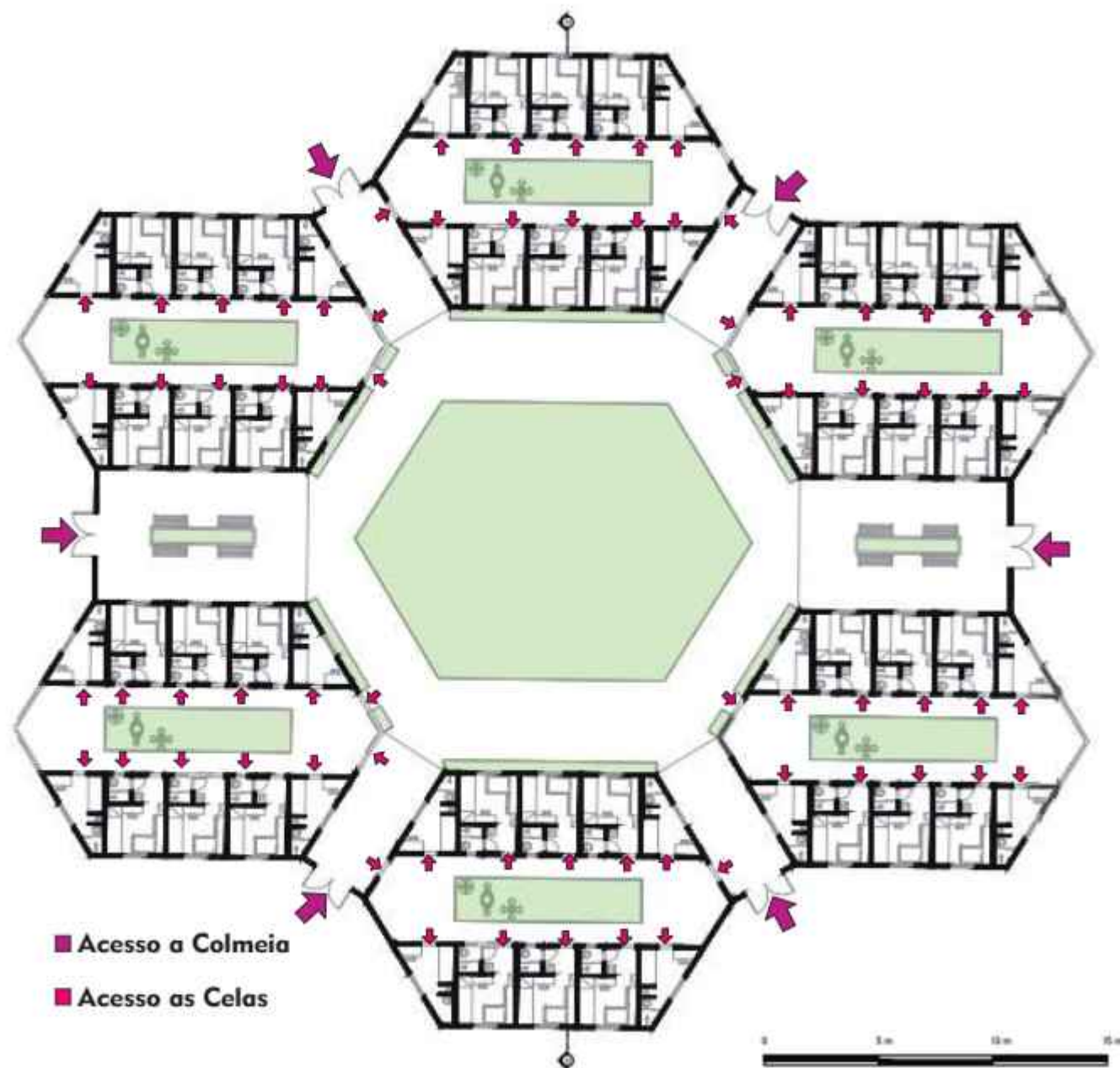


COLMEIA COLETIVA

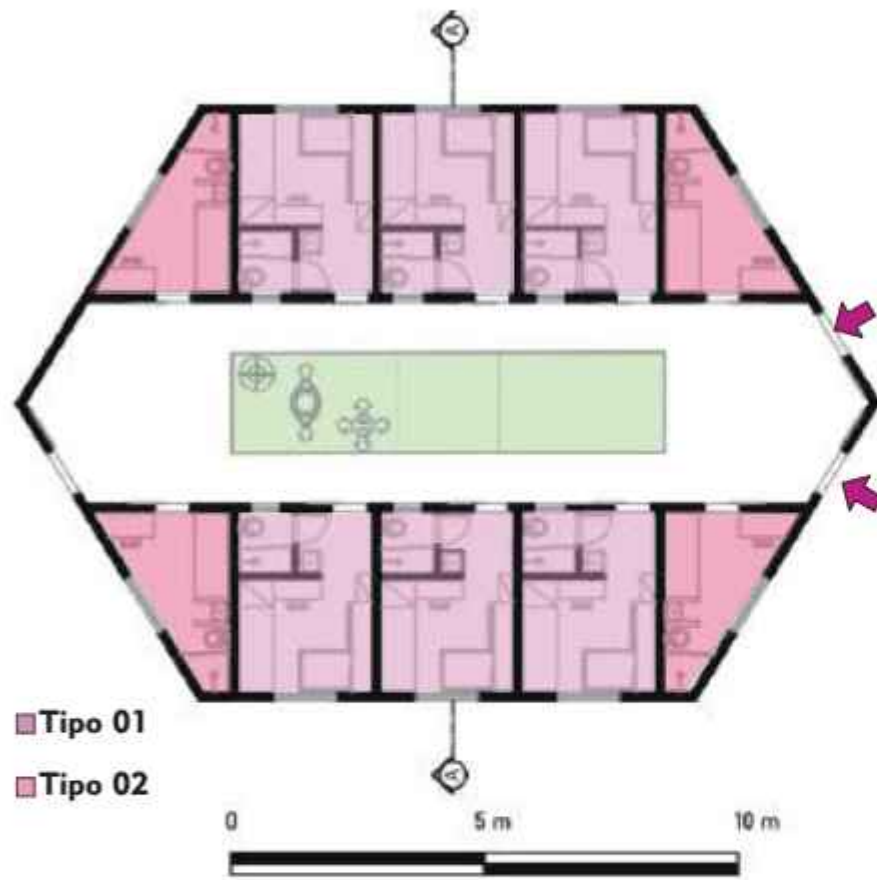
Esta edificação é destinada a **gestantes e mães.**

Cada grande colmeia possui seis pequenas dentro si, nestas estão as celas tipo 01 e tipo 02, gestantes e mãe respectivamente.

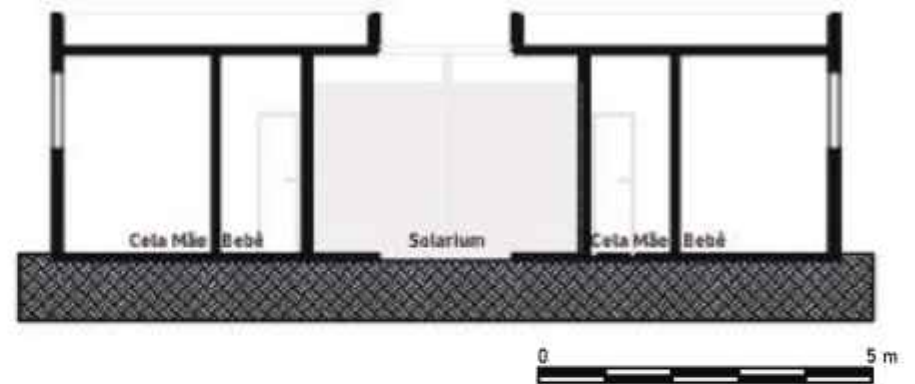
A circulação ocorre através do pátio hexagonal que é circundado pelas pequenas colmeias. Todas essas possuem pátio interno, o que auxilia no conforto térmico da unidade celular.



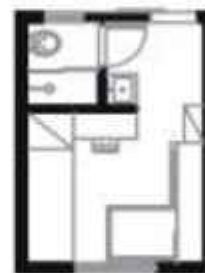
Setorização das Celas



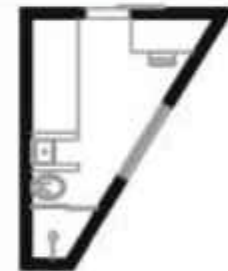
Corte A-A



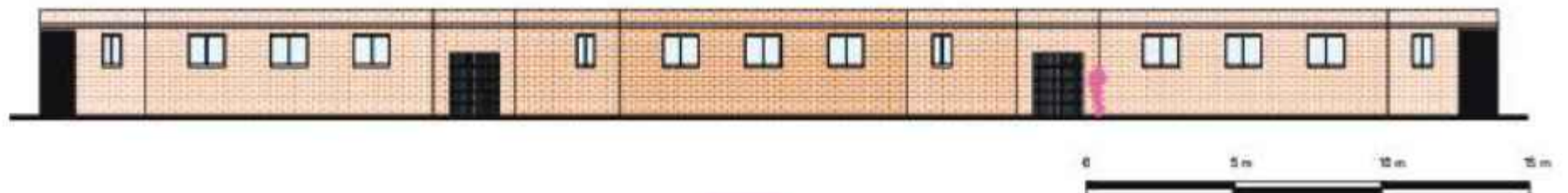
Tipo 01



Tipo 02



Fachada Frontal



CORTE COLMEIA COLETIVA

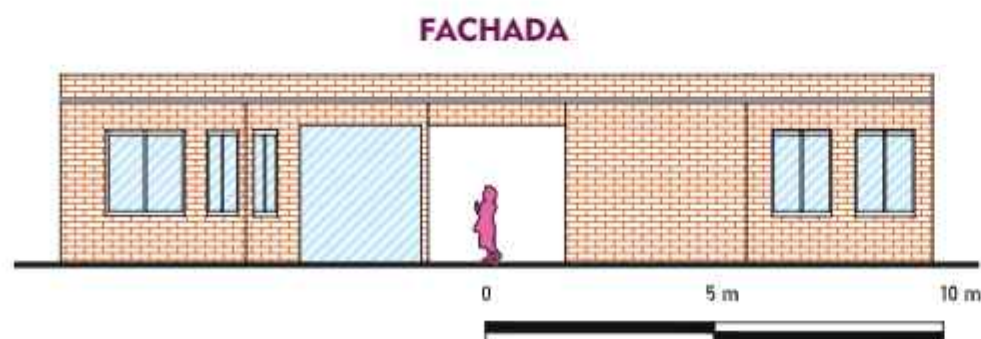
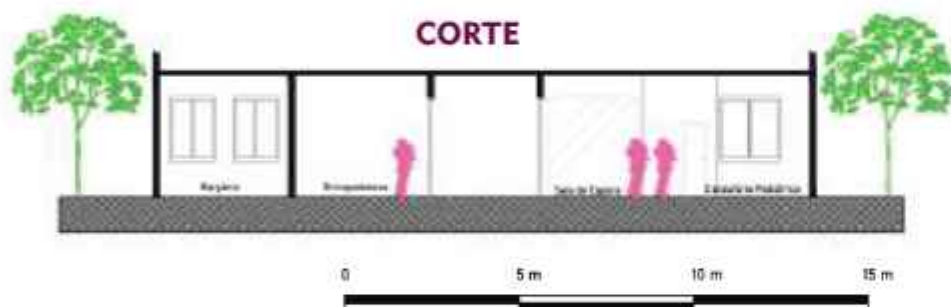


CORTE COLMEIA MATERNO



CENTRO MATERNO

O Centro materno é uma construção de apoio a mãe e a criança em situação de cárcere. Este, contem consultório pediátrico, área de refeições, berçário, sala de aula e brinquedoteca. Visa a melhora no tempo de vivência da criança no estabelecimento penal.



ÁREA DE CONVIVÊNCIA

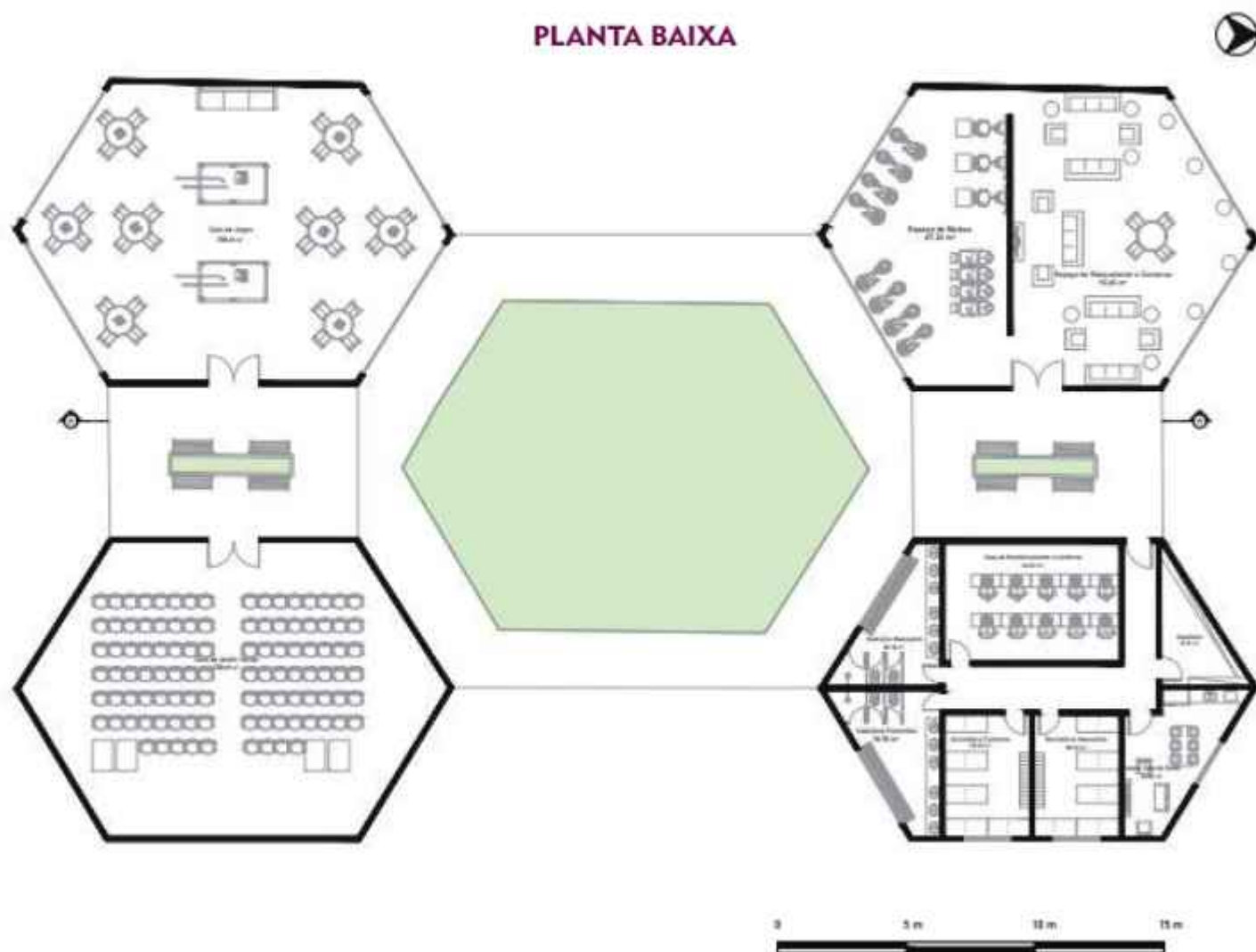
Edificação destinada para atividades de lazer em grupo para as detentas. Possui salão de jogos, sala de audiovisual, sala de beleza e sala de relaxamento e conversa.

Esta é uma área voltada à reunião de todas as mulheres encarceradas.

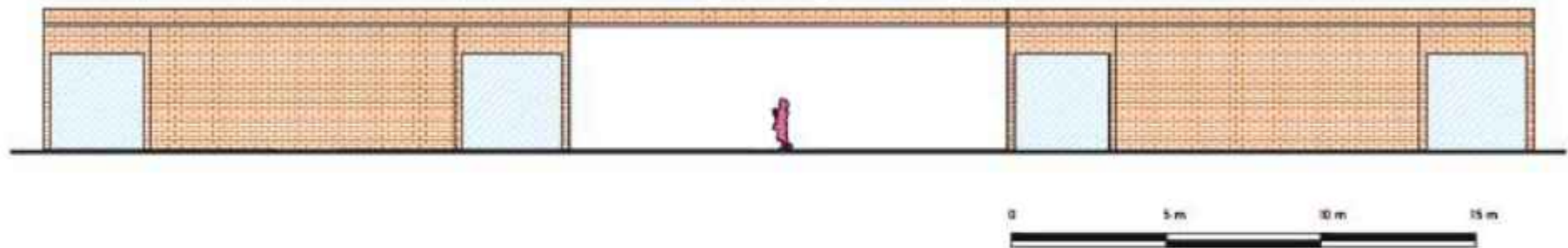
Também possui um grande patio que também pode ser utilizado como caminho.

Também abriga a sala de controle da área das celas, ambiente destinado a monitoração dessa área.

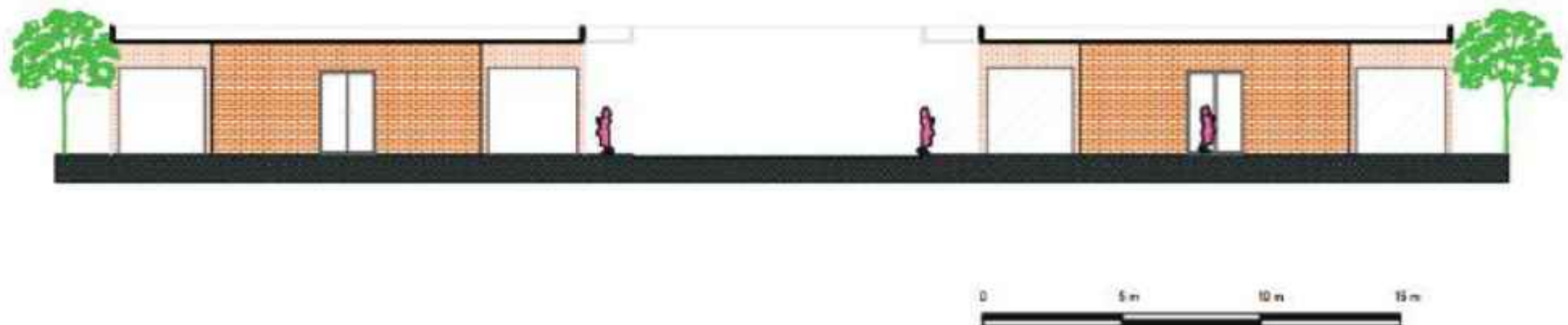
PLANTA BAIXA



ÁREA DE CONVIVÊNCIA - FACHADA FRONTAL



ÁREA DE CONVIVÊNCIA - CORTE A-A





VISTA EXTERNA COLMEIA COLETIVA



VISTA INTERIOR COLMEIA MATERNO



VISTA PÁTIO RECREATIVO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo do trabalho foi desenvolver um estabelecimento penal humanitário no município de Duque de Caxias.

As diretrizes e decisões projetuais foram resultado de pesquisas e estudos aprofundados na questão do cárcere feminino. Através desses estudos também concluiu-se a necessidade de dar visibilidade as mulheres presas e os estabelecimentos penais onde essas residem por um período de tempo.

O projeto então apresenta um novo olhar para arquitetura penal, com destaque no gênero feminino. Apresentando uma forma de implantação das celas além do clássico modelo retangular da arquitetura prisional.

Os outros blocos presentes no complexo penitenciário oferecem todo o suporte para uma capacitação, reflexão e vivência em grupo, o que auxilia na ressocialização das presas.

O complexo além de oferecer oportunidades para as presas, também garante assistência a comunidade do entorno da penitenciária. Oferecendo uma UBS diária e abertura de alguns blocos do estabelecimento penal no dia de domingo para a população.

O resultado de toda a proposta é um projeto que engloba várias vertentes e que possui capacidade de abrigar até 800 mulheres, além dos funcionários do estabelecimento.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOITEUX, L., FERNANDES, M., PANCIERI, A., CHERNICHARO, L. Mulheres e crianças encarceradas: um estudo jurídico-social sobre a experiência da maternidade no sistema prisional do Rio de Janeiro – Disponível em: <https://www.academia.edu/19036368/Mulheres_e_Crian%C3%A7as_Encarceradas_um_estudo_jur%C3%AAdico-social_sobre_a_experi%C3%AAncia_da_maternidade_no_sistema_prisional_do_Rio_de_Janeiro>

BORGES, J. O que é: encarceramento em massa?. 1 ed. Belo Horizonte - MG: Letramento, 2018.

BRANQUINHO, L. ARQUITETURA PRISIONAL: (RE)INTEGRAÇÃO SOCIAL A PARTIR DA REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO CARCERÁRIO. 2018.

C.F. MØLLER ARCHITECTS: Disponível em: <<https://www.cfmoller.com/p/StorstroemPrison-i2730.html>>

INSTITUTO TERRA, Trabalho e Cidadania (ITTC) – Mulheres em prisão: desafios e possibilidades para reduzir a prisão provisória de mulheres. SP, 2017.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Diretrizes Básicas para arquitetura penal. 2011.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Levantamento Nacional DE INFORMAÇÕES PENITENCIÁRIAS INFOPEN Mulheres. 2ª edição, 2016.

MOZER, D. PRESÍDIO INCLUSIVO FEMININO: Um olhar arquitetônico para a (r)existência das mulheres no cárcere. 2016.

NAÇÕES UNIDAS. Regras de Bangkok. 2016 – Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2019/09/cd8bc11ffdc397c32eecd40afbb74.pdf>>

OOIO Arquitectura: Disponível em: <<https://www.ooio.com/portfolio/female-prisoniceland/>>

QUEIROZ, N. Presos que menstruam. 1 ed. Rio de Janeiro - RJ: Record, 2015.

SILVA, F., AZEVEDO, J., ARAÚJO, S. O ESTIGMA DA MULHER EGRESSA: DIFICULDADES DE (RE)INSERÇÃO NA SOCIEDADE E NO MERCADO DE TRABALHO. São José dos Campos, SP, 2008.

